

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**UM ESTUDO DIACRÔNICO DA REGÊNCIA DOS VERBOS *ESQUECER(-SE)* E
LEMBRAR(-SE) EM NOTÍCIAS DE JORNAIS DOS SÉCULOS XIX E XXI**

Marcella Costa e Silva

Mariana, MG

2022

Marcella Costa e Silva

**UM ESTUDO DIACRÔNICO DA REGÊNCIA DOS VERBOS *ESQUECER(-SE)* E
LEMBRAR(-SE) EM NOTÍCIAS DE JORNAIS DOS SÉCULOS XIX E XXI**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Letras como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras – Estudos Linguísticos, pelo Departamento de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Soélis Teixeira do Prado Mendes.

Mariana, MG

2022



FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcella Costa e Silva

Um estudo diacrônico da regência dos verbos esquecer(-se) e lembrar(-se) em notícias de jornais dos séculos XIX e XXI.

Monografia apresentada ao Curso de Letras Bacharelado Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Estudos Linguísticos

Aprovada em 27 de outubro de 2022.

Membros da banca

Dra. Soélis Teixeira do Prado Mendes - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
- Dra. Eliane Mourão - Universidade Federal de Ouro Preto
- Me. Diogo Souto Simões - Universidade Federal de Ouro Preto

Soélis Teixeira do Prado Mendes, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/11/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Soelis Teixeira do Prado Mendes, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/12/2022, às 14:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0441559** e o código CRC **C885FADD**.

AGRADECIMENTOS

À Força Superior que nos guia, por ter me fortificado e me protegido a cada novo desafio ao longo da minha vida, além de ter me presenteado de tantas formas inesquecíveis.

Aos meus anjos e maiores amigos, minha mãe Flávia e meu pai Maurilio, por sempre terem sido meu porto-seguro e fonte inesgotável de amor e luz. Incríveis, são mais do que um dia conseguirei descrever. Obrigada por tudo e por tanto. Ainda bem que eu lembro vocês!

À minha família, sobretudo, à vovó Dona Zezé e ao vovô Seu Colim, cujas saudosas lembranças sempre me estimulam a ofertar o melhor de mim onde quer que eu esteja. Também à titia e madrinha Nair, ao titio Fernando e às minhas primas Ana Beatriz, Fabiana e Denise, por serem minha segunda casa. É bem aqui que minha criança interior faz morada.

Aos meus amigos, sejam eles de longa data ou recém-chegados, ou ainda aqueles que por outras razões tiveram de partir: minha eterna gratidão por tanto carinho e compreensão, por cada momento de partilha. Entre lágrimas e risadas, nós nos cativamos e evoluímos.

À minha orientadora, Dr.^a Soélis Mendes, pela paciência e pelo grandíssimo suporte nesses dois anos de parceria. Saiba que seu fascínio pelos mistérios da língua é contagiante!

À banca examinadora, composta pela Dr.^a Eliane Mourão e pelo Me. Diogo Simões, e às professoras Dr.^a Rita Lages e Dr.^a Rivânia Sant'Ana, agradeço imensamente a atenção dispensada e as riquíssimas contribuições.

À UFOP, pela bolsa concedida para a realização da minha primeira pesquisa, esta em nível de Iniciação Científica (Edital PIP/UFOP-1S 2021/2022), e por toda a rede de apoio.

À Rever – Empresa Júnior de Revisão e Tradução de Textos, por ter me ensinado o verdadeiro significado de persistência e trabalho em equipe. Foi um prazer Rever com vocês.

À minha terceira casa, a Escola Estadual Geraldo Bittencourt, especialmente à equipe da secretaria, que tanto me acolheu desde criança, e às professoras de língua portuguesa que, tão memoráveis, direta ou indiretamente, me entusiasmaram a seguir o caminho das Letras.

À minha psicóloga, Ana Cristina, de uma sabedoria e de uma serenidade admiráveis, por todos esses anos de apoio e de reflexão. Parabéns pelo lindíssimo trabalho!

Aos amores que se foram, por terem me mostrado do modo mais dissaboroso e belo possível que se permitir sentir também é essencial, e isso jamais esquecerei.

Por fim, aos colegas e aos desconhecidos que por mim um dia passaram estampando um tímido sorriso ou puxando uma conversa despreziosa: pelos brevíssimos momentos de troca que, embora tão discretos, não falharam em me lembrar a beleza da vida.

RESUMO

Considerando-se o recorrente conflito entre norma e uso, esta pesquisa teve por objetivo realizar um modesto estudo diacrônico da(s) regência(s) dos verbos *esquecer(-se)* e *lembrar(-se)* em notícias dos jornais *O Universal* (1825), *O Tempo* (2021), *Folha de S.Paulo* (2022) e *O Globo* (2022), tendo como referencial teórico os linguistas Bynon (1983) e Faraco (1997) e os gramáticos Thomaz Brandão (1888), Cláudio Brandão (1963), Celso Luft (1976, 2008) e Cunha e Cintra (2017). Este é, portanto, um estudo descritivo-comparativo, tal qual os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Histórica. Ao fim, observou-se que, de maneira geral, nesses *corpora*, a forma simples – ou seja, não pronominal – de ambos os verbos foi preferida pelos falantes ao longo do tempo, especialmente a do *lembrar(-se)*. Este, por sua vez, aparentou ter sofrido alguma mudança com o tempo, pois a forma simples com complemento direto (VTD) que hoje é reconhecida como padrão da língua, ao lado da forma pronominal, não esteve registrada nos manuais da sincronia pretérita consultados – inclusive, verificou-se que era considerada galicismo (RIBEIRO, 1923) e, por isso, pareceu ser uma variante estigmatizada e inovadora na época. Além disso, com exceção desse caso, deve-se pontuar que, em ambos os períodos, os desvios às normas mostraram-se bastante contidos para que se pudesse falar em mudança. Contudo, merece destaque o fato de que as formas não padrão – ou seja, a simples com complemento indireto (VTI) e a pronominal com preposição ausente (VTDp) – tenham estado presentes, ainda que minimamente, em um gênero textual escrito cujo domínio discursivo seja mais vigilante quanto à linguagem usada.

Palavras-chave: Linguística Histórica. Regência verbal. Gramática. Português Brasileiro. Jornais.

ABSTRACT

Taking the recurrent conflict between standard norm and use into consideration, this research aimed the conduction of a modest diachronic study of the verbal regency of *esquecer-se* and *lembrar-se* in the newspapers *O Universal* (1825), *O Tempo* (2021), *Folha de S. Paulo* (2022) and *O Globo* (2022), using as theoretical background linguists Bynon (1983) and Faraco (1997) and grammarians Thomaz Brandão (1888), Cláudio Brandão (1963), Celso Luft (1976, 2008) and Cunha & Cintra (2017). Therefore, this is a descriptive-comparative study, according to the theoretical and methodological premises of Historical Linguistics. It was observed, generally, throughout the *corpora* analyzed, the simple forms – therefore, the non-pronominal form – of both verbs preferred by the speakers over the years, especially with *lembrar-se*. This verb, in turn, apparently suffered a change over time, seeing that the simple form accompanied by the direct complement (DTV), considered today as the standard norm in Portuguese, alongside the pronominal form, was not registered in the manuals of past synchrony consulted, even considered Gallicism (RIBEIRO, 1923). Because of that, it seemed like a stigmatized and innovating variant in the time. Furthermore, given this exception, it must be stressed that in both cases the drift from the standard norm showed themselves very constrained to allow a conversation about a change. However, it is valuable to highlight the fact that non-standard forms, in other words, the simple form accompanied by the indirect complement (ITV) and the pronominal form with absent preposition (pDTV), were present, even though in a small quantity, in a written textual genre whose discursive domain is more vigilant regarding the spoken language.

Keywords: Historical Linguistics. Verbal Regency. Grammar. Brazilian Portuguese. Newspapers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>O Universal</i>	18
Figura 2 – <i>Folha de S.Paulo</i>	21
Figura 3 – <i>O Globo</i>	22
Figura 4 – <i>O Tempo</i>	23
Quadro 1 – Evolução das consoantes	28
Quadro 2 – Relação da nomenclatura adotada para a transitividade ao longo do tempo	30
Quadro 3 – Relação da nomenclatura adotada para o complemento ao longo do tempo	30
Quadro 4 – Transitividade dos verbos conforme a norma vigente em cada sincronia	33
Quadro 5 – Nomenclaturas adotadas pelas gramáticas contemporâneas	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Total de ocorrência de <i>esquecer(-se)</i> no <i>corpus</i> do século XIX.....	44
Tabela 2 – Total de ocorrência de <i>lembrar(-se)</i> no <i>corpus</i> do século XIX.....	46
Tabela 3 – Total de ocorrência de <i>esquecer(-se)</i> no <i>corpus</i> do século XXI.....	47
Tabela 4 – Total de ocorrência de <i>lembrar(-se)</i> no <i>corpus</i> do século XXI.....	49
Tabela 5 – Total de ocorrência dos verbos em ambas as sincronias	50
Tabela 6 – Relação do emprego de <i>esquecer(-se)</i> em ambas as sincronias	51
Tabela 7 – Relação do emprego de <i>lembrar(-se)</i> em ambas as sincronias.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAdn. – adjunto adnominal

AAdv. – adjunto adverbial

CAdv. – complemento adverbial

LH – Linguística Histórica

NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira

OD – objeto direto

OI – objeto indireto

PB – Português Brasileiro

VI – verbo intransitivo

VT – verbo transitivo

VTAdv. – verbo transitivo adverbial

VTD – verbo transitivo direto (classificação tradicional que abarca as formas *simples* e *pronominal* dos verbos)

VTI – verbo transitivo indireto (classificação tradicional que abarca as formas *simples* e *pronominal* dos verbos)

VTDI – verbo transitivo direto e indireto

VTDp – verbo transitivo direto (classificação alternativa de Celso Luft (2008) para salientar o uso do verbo na *forma pronominal*; nesse caso, entende-se que a preposição está ausente)

VTDpI – verbo transitivo indireto (classificação alternativa de Celso Luft (2008) para salientar o uso do verbo na *forma pronominal*; nesse caso, entende-se que a preposição está presente)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 GÊNEROS TEXTUAIS	16
2.1 Os <i>corpora</i>	18
2.1.1 O <i>corpus</i> de língua do século XIX: <i>O Universal</i>	18
2.1.2 O <i>corpus</i> de língua do século XXI: <i>Folha de S.Paulo, O Globo e O Tempo</i>	21
3 REFERENCIAL TEÓRICO	25
3.1 Linguística Histórica.....	25
3.2 Transitividade e regência verbal.....	29
3.2.1 Transitividade e regência dos verbos <i>esquecer(-se)</i> e <i>lembrar(-se)</i>	31
3.3 <i>Esquecer(-se)</i> e <i>lembrar(-se)</i> : verbos pronominais ou reflexivos?	35
3.4 Revisão da literatura	38
4 METODOLOGIA	41
5 ANÁLISE DOS DADOS	44
5.1 <i>O Universal</i>	44
5.2 <i>Folha de S.Paulo, O Globo e O Tempo</i>	47
5.3 Análise comparativa do uso de regência dos verbos <i>esquecer(-se)</i> e <i>lembrar(-se)</i> em ambas as sincronias	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE A – Corpus de língua do século XIX	64
APÊNDICE B – Corpus de língua do século XXI	66

1 INTRODUÇÃO

Considerando que a Linguística é a ciência que “[...] tem como objeto de estudo a linguagem humana através da observação de sua manifestação oral ou escrita (ou gestual, no caso da língua dos sinais)” (MARTELOTTA *et al.*, 2008, p. 21), devemos apontar como forte motivação para esta pesquisa, amparada nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Histórica (LH), o fato de termos observado, cotidianamente, na língua falada e, sobretudo, em alguns textos contemporâneos, usos de regência verbal que não estivessem conformes à norma há muito consagrada.

A exemplo disso, podemos citar os verbos *ir* e *chegar* (exaustivamente explorados na academia), que, de acordo com os manuais de consulta tradicional, devem ser regidos pela preposição *a*, admitindo-se também o uso de *para* em contextos em que o traço [+permanência] esteja presente, mas que, frequentemente, na oralidade e, por vezes, na escrita, também são regidos por *em*, forma não-padrão e estigmatizada, e por *para* em contextos com [-permanência].

Além desses, tantos outros podem ser os exemplos advindos do atrito entre norma padrão e uso. Em pesquisa anterior, realizada em nível de Iniciação Científica, dispomo-nos a analisar os usos de alguns verbos cuja regência fosse bastante tratada em gramáticas normativas e que, sobretudo, suscitasse mais dúvidas aos falantes. Desse modo, observamos o emprego dos verbos *aspirar*, *assistir*, *ir*, *chegar*, *visar*, *obedecer*, *responder*, *falar*, *esquecer(-se)*, *lembrar(-se)* e *gozar* em notícias dos jornais mineiros *O Universal* e *O Tempo*, para ao fim compará-lo às prescrições¹. Ao fim, concluímos que, embora tenhamos localizado diferentes usos em ambos os jornais, o que esteve inadequado à norma vigente, por ter se mostrado bastante contido, não apontou para uma grande possibilidade de mudança na língua.

No entanto, como houve muita discrepância na quantidade de dados coletados – com exceção do verbo *assistir* –, decidimos ampliar o *corpus* de língua da sincronia contemporânea, cujas ocorrências foram consideravelmente mais baixas do que as do século XIX, para reavaliarmos essa análise, agora, de maneira mais experiente e a partir de um referencial teórico que condiga mais com os verbos sob estudo². Por esse motivo, nesta

¹ A saber, nesta pesquisa de IC (Edital PIP/UFOP-1S 2021/2022), intitulada *Estudo de fenômenos linguísticos da língua portuguesa: o passado como fonte para o entendimento do presente*, sob orientação de Dr.^a Mendes, realizamos um breve estudo diacrônico de regência verbal, verificando o emprego dos referidos verbos em notícias dos séculos XIX e XXI. Mais especificamente, do jornal *O Universal* (1825-1842), de Ouro Preto (MG), trabalhamos com textos publicados em 1825, enquanto que d’*O Tempo* (1996-), sediado em Contagem (MG), com os de 2021.

² Dizemos isso porque, na pesquisa anterior, utilizamos a gramática de Thomaz Brandão (1888), o dicionário de regência verbal de Francisco Fernandes (1940) e as gramáticas históricas de Eduardo Pereira (1927) e Ismael Coutinho (1976) como referencial para lidarmos com o *corpus* de língua da sincronia pretérita; no entanto,

pesquisa acrescentamos dois dos jornais de maior circulação na região Sudeste: *Folha de S.Paulo* (1921-) e *O Globo* (1925-). Desse modo, utilizando-nos do passado para compreendermos uma parte do Português Brasileiro (PB) atual, prosseguiremos com o **objetivo geral** de analisar o uso de regência verbal em notícias de 1825 e de 2021 a 2022 dos quatro jornais já referidos.

Contudo, devemos pontuar, desta vez trabalharemos apenas com os verbos *esquecer(-se)* e *lembrar(-se)*³. O motivo pelo qual esses foram os escolhidos está no já referido fato de eles estarem muito presentes nos manuais de consulta tradicional, tanto pela comoção geral em torno das regências consideradas padrão quanto pela “polêmica” em torno de suas formas possíveis – ou seja, a pronominal e a simples⁴ (ou não pronominal). Como veremos mais adiante, isso ainda se mostra ser uma questão dentro da literatura, o que, de certo modo, contribui para que alunos, professores e até estudiosos da linguagem sintam dificuldade, por vezes, para lidar com a classificação desses verbos e, enquanto falantes, para empregá-los, tendo em vista o natural conflito entre norma padrão e uso.

Além disso, devemos mencionar que escolhemos trabalhar com jornais e, especialmente, partir do século XIX por dois motivos. O primeiro diz respeito ao fato de que, segundo Lucchesi⁵ (2017, p. 378 *apud* BORGES; KELLER, 2020, p. 61), “análises de mudanças em tempo real são factíveis, sobretudo a partir do século XIX, em face da ampla gama de materiais disponíveis na documentação escrita supérstite, tais como: jornais, peças de teatro, cartas pessoais etc”. O segundo, no que lhe concerne, merece destaque por não termos localizado outros estudos diacrônicos que lidassem exatamente com os mesmos objeto, *corpora* e períodos históricos de investigação, o que faz com que sobressaiamos academicamente com um trabalho que pode vir a complementar outros como os de Marques (2006) e de Santos (2021), os quais serviram de base para a análise de dados nesta Monografia – a saber, essas pesquisadoras lidaram sincronicamente

apenas a primeiro abordou especificamente o *esquecer(-se)* e o *lembrar(-se)*. Por isso, de modo a fortalecer a análise desta Monografia, além de termos ampliado o *corpus* de língua da sincronia contemporânea, também nos valemos de outros gramáticos que, desta vez, explicitassem informações a respeito dos verbos em questão.

³ Apenas a cargo de informação, no que diz respeito ao número de dados coletados na pesquisa de IC, n’*O Universal* registramos 15 ocorrências do verbo *esquecer(-se)* e 41 do *lembrar(-se)*, enquanto n’*O Tempo*, um total de 04 para *esquecer(-se)* e 14 para *lembrar(-se)*.

⁴ Desde já, informamos ao leitor que nesta pesquisa optamos por utilizar o termo *forma simples* em vez de *forma não pronominal* consoante com o nosso referencial (CUNHA e CINTRA, 2017). Além disso, devemos mencionar que, ao dizermos “*esquecer(-se)*” e “*lembrar(-se)*”, estaremos nos referindo aos verbos sob estudo de modo a encobrir as duas formas que lhes são possíveis – ou seja, será uma menção a eles de maneira geral. Assim, como o pronome pode ou não se juntar ao verbo, sinalizamos isso com os parênteses. Por isso, quando não nos valermos desse sinal, estaremos fazendo referência a uma forma específica, por exemplo: *esquecer* (forma simples) em oposição a *esquecer-se* (forma pronominal).

⁵ LUCCHESI, D. A periodização da história sociolinguística do Brasil. *D.E.L.T.A.*, n. 33, v. 2, p. 347-382, 2017.

com os mesmos verbos, mas sob outras perspectivas teórico-metodológicas, como veremos mais adiante.

Devemos mencionar também as questões norteadoras desta pesquisa, às quais buscaremos ao fim responder: o que dizem as gramáticas normativas de ambos os períodos sobre a regência dos verbos sob estudo? Em todos os jornais, o uso das regências esteve de acordo com o que preconizam os gramáticos contemporâneos a eles? Agora, com a ampliação do *corpus* de língua da sincronia contemporânea, localizaremos algum indício de mudança na regência dos verbos ao compararmos os dois períodos históricos? A saber, considerando os resultados da pesquisa anterior, as expectativas são as de que, em ambos os períodos, o nível de adequação às normas permaneça alto, o que não será um indicativo de mudança, e que o verbo *esquecer(-se)* seja mais usado na forma simples e o *lembrar(-se)*, na pronominal, com base sobretudo nos achados de Marques (2006), que lidou com a modalidade escrita da língua.

Para obtermos respostas, avançamos com estes **objetivos específicos**: i) verificar, nas gramáticas de Thomaz Brandão (1888) e de Cláudio Brandão (1963), quais as prescrições da sincronia pretérita para o uso da regência desses verbos; ii) verificar, nas gramáticas de Celso Luft (1976, 2008) e Cunha e Cintra (2017), quais as regras prescritas para o uso da regência desses verbos na sincronia contemporânea; iii) levantar todas as ocorrências dos dois verbos nos *corpora* desta pesquisa; iv) classificar sintaticamente os verbos segundo as prescrições; v) analisar o emprego dos verbos com base nas instruções dos gramáticos em questão, comparando-se, ao fim, o uso das regências encontradas em ambas as sincronias.

Realizadas todas as considerações, expliquemos, por fim, como esta Monografia foi estruturada para que fossem cumpridas as condições de produção e formatação textual propostas pelo *Guia para normalização de trabalhos acadêmicos*⁶ do Sistema de Bibliotecas e Informação (SISBIN) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). No capítulo seguinte, recapitularemos o conceito de *gêneros textuais* e realizaremos um breve percurso histórico dos jornais com que trabalhamos, como é característico de pesquisas na área da LH. Na terceira, conferiremos o referencial teórico em que nos amparamos para procedermos com este estudo descritivo-comparativo, o que envolverá o contato com os conceitos de *transitividade verbal*, *regência verbal* e *verbos pronominais* (ou *reflexivos*) e com as prescrições típicas de cada sincronia. Na próxima, apresentaremos a metodologia; depois, os

⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Sistema de Bibliotecas e Informação. **Guia para normalização de trabalhos acadêmicos**. Ouro Preto, 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/>. Acesso em: 15 out. 2022.

dados, que estão seguidos das considerações finais e das referências. Por fim, há os apêndices, onde estão os *corpora* de língua portuguesa utilizados na análise desta pesquisa.

2 GÊNEROS TEXTUAIS

Como sabemos, desde a Antiguidade, muito tem sido postulado a respeito do termo *gênero*, que antes era vinculado apenas à literatura. Nos últimos anos, então, especialmente a partir do século XX, tivemos muitas outras contribuições que ressignificaram essa noção. De acordo com Marcuschi (2008, p. 146), depois dessa virada, passamos a encontrar muitos trabalhos a respeito do tema – o que não exclui a importância de alguns, mas, por outro lado, supersatura o assunto devido à abundância de conteúdos e a possíveis repetições, em alguns casos. Daqueles mais relevantes atualmente, o autor cita Cristóvão e Nascimento (2004, 2005), Bazerman (2005), Meurer, Bonini e Motta Roth (2005), Zanotto (2005) e, por fim, Karwoski, Gaydeczka e Brito (2006).

Naturalmente, como devemos respeitar o limite que nos impõe uma Monografia e reconhecer a extensão das abordagens desses pesquisadores, optamos por seguir apenas com a proposta de Marcuschi (2002, 2008), que se mostra em consonância com Bakhtin e Voloshinov. A respeito disso, podemos pensar a língua enquanto um produto da *comunicação verbal*, da interação, o que a faz evoluir historicamente. Em outras palavras, segundo Marcuschi (2008, p. 62) “[...] quando se fala em uso e função, não se ignora a existência de formas. Apenas frisa-se que as formas não são tudo no estudo da língua e que as formas só fazem sentido quando situadas em contextos sociointerativamente relevantes”. Assim, com isso, reconhecemos que, embora preservemos uma análise diacrônica mais formal da língua nesta pesquisa, o extraverbal (ou seja, a história) também seja necessário para a investigação linguística.

Com base nisso, é crucial que discorramos sobre alguns conceitos recorrentes nessa perspectiva de estudo da linguagem. O primeiro deles diz respeito à noção de *texto*, que, de maneira geral, pode ser tido como a manifestação verbal da língua. Nesse sentido, essa realização acontecerá por meio dos *gêneros textuais*, que, para Marcuschi (2002), são ferramentas de comunicação que se tornaram rotineiras em uma dada esfera social, ou seja, são *entidades sociodiscursivas*. Assim, por organizarem as atividades humanas, são vistos como uma forma de *ação social*. Contudo, devemos saber, “[...] os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

A partir disso, torna-se possível entendermos que, por serem tão flexíveis e culturalmente adaptativos, não há como enumerá-los e classificá-los com exatidão. Entretanto,

apesar disso, é possível identificarmos as características de muitos, o que pode ser feito a partir dos aspectos importantes que os orientam: a *forma*, o *estilo* e o *conteúdo*. No entanto, lembremos: ainda que válidos como forma de localizá-los mais adequadamente, o referido autor aponta para a *função comunicativa* em vez da estruturação textual, que é diversa. Nesse sentido, não devemos alijar os aspectos formais nem os meios de transmissão ou o contexto de produção textual, mas entender que, para identificarmos os gêneros, devemos considerar primordialmente as práticas sociodiscursivas que os norteiam, já que elas existem à vista de um propósito comum.

Diante disso, também devemos desenvolver mais duas noções: a de *suporte* e a de *domínio discursivo*. A primeira diz respeito a um modo de “abrigar” e veicular socialmente os textos (como um receptáculo), que, como vimos, são materializados por meio de algum gênero, formado a partir de tipos textuais – ou *sequências tipológicas*. Ainda segundo Marcuschi (2008, p. 174), o suporte pode ser entendido como um “[...] locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”, o que, nesta pesquisa, aplica-se ao jornal, impresso ou digital. Dentro disso, podemos enfim pensar a respeito da noção de domínio, o qual funcionará como uma *esfera ou instância de produção discursiva* (p. 23), como antes já mencionamos. Desse modo, cristalizando-se com base nas demandas sociais, o domínio passa a comportar determinados gêneros, que obedecerão a regras socialmente construídas para o seu funcionamento.

Assim, relacionando todos esses conceitos ao foco desta pesquisa, podemos dizer que, ao nos dispormos a observar os usos linguísticos destinados ao gênero *notícia*, estaremos descrevendo a norma padrão vigente no domínio jornalístico brasileiro em ambos os períodos sob estudo. A respeito disso, é interessante lembrarmos que a condição de produção desses textos já aponta para um certo grau de monitoração da escrita. Prova disso é o que orienta a própria *Folha de S.Paulo*⁷ (2007, p. 77 *apud* MARQUES, 2010, p. 61) em seu *Manual de redação*:

O texto de jornal deve ter estilo próximo da linguagem cotidiana, sem deixar de ser fiel à norma culta, evitando erros gramaticais, gíria, vulgaridade e deselegância. Escolha a palavra mais simples e a expressão mais direta e clara possível, sem tornar o texto impreciso. Palavras difíceis e construções rebuscadas dificultam a comunicação [...].

⁷ FOLHA DE S. PAULO. *Manual da Redação*. 12. ed. São Paulo: Publifolha, 2007. p. 391.

Ainda sobre a estruturação desses textos, segundo Marques (2010), citando Melo⁸ (1985), pontuamos que os gêneros do jornal podem ser divididos em *informativos* e *opinativos*. A notícia, em específico, por pertencer à primeira categoria, gera a expectativa de que fatos relevantes socialmente devam ser transmitidos de forma bastante objetiva e acessível ao público leitor e por meio de uma linguagem moderadamente obediente à norma. Nesse caso, as sequências tipológicas mais características são a *narração* e sobretudo a *exposição*.

Assim, ainda que Marcuschi (2008, p. 197) nos lembre da possibilidade do contínuo entre fala-escrita, em que a notícia escrita possa se aproximar um pouco da fala, vimos que, por ser um gênero muito produtivo e central nesse suporte, o esperado é que a língua se manifeste “nos limites do que se considera socialmente correto e adequado à abrangência do veículo” (LAGE, 2006, p. 24 *apud* MARQUES, 2010, p. 73). Isso porque as pessoas que desse domínio fazem parte estão ligadas à cultura escrita, que naturalmente pressupõe o máximo possível de concordância às regras gramaticais. Por isso, a expectativa inicial é a de que os textos com os quais lidaremos funcionem dessa forma, especialmente devido ao tão estimulado imaginário social de que a língua é imutável e pura, sobre o que falaremos adiante.

2.1 Os corpora

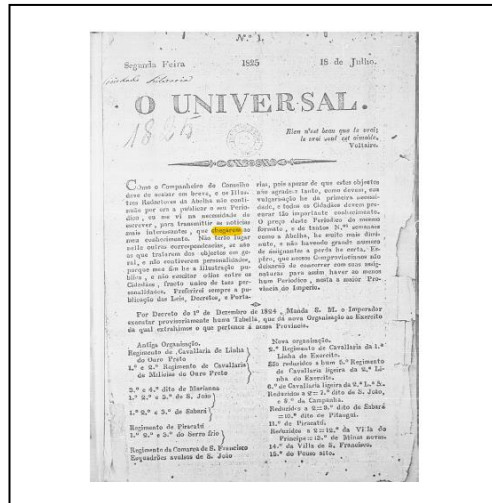
Posto isso, discorramos agora sobre os *corpora* utilizados, tendo em vista que o conhecimento sobre o contexto de produção dos gêneros textuais também possa oferecer algumas pistas para um estudo de caráter histórico como o nosso. Começemos revisitando, portanto, a sincronia pretérita.

2.1.1 O corpus de língua do século XIX: *O Universal*

A partir de Mendes (2007), descobrimos que a publicação de jornais em Minas Gerais somente teve seu início após a Independência, tendo ocorrido a primeira em 1823. Segundo ele, o *Compilador Mineiro* e o *Abelha do Itaculomy*, estreantes daquele momento, não foram tão duradouros – apesar de terem tido uma boa recepção do público, pois se esgotavam rapidamente. Em 1825, no entanto, com a entrada d’*O Universal* para o prematuro mercado do jornalismo mineiro, presenciamos uma mudança.

Figura 1 – *O Universal*

⁸ MELO, J. M. de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 168.



Fonte: Arquivo Público Mineiro.

Inicialmente liderado pelo polêmico político conservador Bernardo Pereira Vasconcelos, nas palavras de Mendes (2007, p. 80), e depois pelo jovem liberal José Pedro Dias de Carvalho, *O Universal* aos poucos conquistou seu espaço em seus 17 anos de trajetória, tornando-se uma referência na área devido à sua força de expressão e criticidade. Era considerado um jornal moderadamente liberal, já que, apesar de apoiar D. Pedro I, não hesitava em pontuar alguns deslizes quando lhe parecia necessário, principalmente no momento em que esteve sob a liderança de Carvalho (a partir de 1833), o qual passou a apontar os erros do imperador assim que este abdicou do trono, culpando-o pela escravidão, quando antes, até o fim do Primeiro Reinado, lançava críticas somente aos aliados dele.

Conforme Rezende (2009), no período da regência, comércio e política estavam bastante atrelados. Isso porque, com a chegada da corte portuguesa, a economia mineira passou a se expandir progressivamente – agora, não mais com a exploração mineral, mas com o fornecimento de produtos alimentícios para o Rio de Janeiro, a partir da plantação de café. Com isso, dizemos que os proprietários envolvidos com essas atividades começaram a assumir postos dentro da política durante o período regencial e o início do Segundo Reinado. “Dessa sociedade com características peculiares constituiu-se uma elite formada por comerciantes, proprietários, magistrados, tropeiros, professores, funcionários públicos e, por último, mas não menos importante, o grande número de padres” (REZENDE, 2009, p. 3). E foi por essa mescla social que a imprensa foi direcionada, atuando com fervor na tentativa de engajar politicamente o povo, além de trazer consigo anúncios, avisos, notícias, textos de cunho literário e outros mais, conforme a referida autora.

No entanto, desse percurso histórico, o que nos interessa para esta pesquisa é saber que, em um período de crescimento econômico e de conflitos políticos, o mercado jornalístico

mineiro foi ganhando mais espaço gradualmente, já que era por meio dos periódicos que liberais e conservadores se manifestavam – ou, nas palavras de Marcuschi (2008), era por meio dos gêneros que se encontravam nesse suporte que se dava a *interação*, a *ação* e a tentativa de *controle social*. Exemplo disso, como vimos, é que *O Universal*,

[...] principalmente nos primeiros anos da década de 30, impressiona pela campanha acirrada a favor dos liberais mesmo se tratando de uma folha engajada. Os redatores eram useiros e vezeiros em publicar notas, cartas e artigos sobre o perigo da restauração, com o Brasil retornando à condição de colônia. Usavam de vários artifícios para afastar o perigo caramuru, inclusive intimidando a população com a ameaça da iminente invasão do Brasil pelo Duque de Bragança à frente das tropas portuguesas. (REZENDE, 2009, p. 4-5)

Contudo, devemos de imediato frisar, embora seja possível haver marcas de oralidade em textos escritos, em maior ou menor nível, como vimos em Marcuschi (2008), e *O Universal* também fosse direcionado a outras camadas sociais que não somente à elite letrada, ainda estaremos assumindo que nesse domínio discursivo havia uma certa monitoração da escrita. Para sustentarmos esse posicionamento, citamos primeiro o fato de que, conforme pontua Rezende (2009), o primeiro exemplar do jornal ostentava a seguinte epígrafe: “Nada é belo exceto o verdadeiro; o verdadeiro é adorável”⁹, do escritor e filósofo Voltaire, o que, remontando-nos ao Iluminismo, aponta para uma postura científica e intelectual a fim de trazer mais credibilidade aos textos.

Somado a isso, conforme Faraco (2011), mais tarde, naturalmente, questões relacionadas ao “bom uso” da língua surgiram em meio a esse movimento – apesar de que, como sabemos, o estigma, na verdade, provém não exatamente de estruturas linguísticas, mas de quem as enuncia. A respeito disso, lembramos: “boa parte da nossa elite letrada do século XIX desejava ardentemente viver em uma sociedade branca europeia. Tinha, portanto, de virar as costas para o país real, figurá-lo diferente do que era” (FARACO, 2011, p. 271). Por isso, o que se distanciasse desse modelo seria considerado um erro, uma violação à “unicidade e pureza” da língua, o que também contribui para que permaneçamos com o referido posicionamento a respeito da linguagem utilizada nos textos pretéritos.

Contudo, cessemos por agora essa discussão, que pode ser longa. O objetivo com isso era apenas o de lançarmos uma breve reflexão a respeito da relação estabelecida entre o jornal e a sociedade para que, ao fim, diante dos resultados, pudéssemos identificar os possíveis efeitos desse vínculo sobre as escolhas linguísticas dos participantes do jornal.

⁹ “Rien, n’est beau que le vrai; Le vrai seul est aimable.” (*O UNIVERSAL*, 1825, p. 1 *apud* REZENDE, 2009, p. 4).

2.1.2 O *corpus* de língua do século XXI: *Folha de S.Paulo*, *O Globo* e *O Tempo*

Agora, do mesmo modo, façamos um breve percurso histórico dos jornais contemporâneos, a fim de contemplarmos o alcance de cada um em sua respectiva região e o modo como isso pode influenciar o desempenho linguístico dos redatores. Começemos, portanto, por aquelas instâncias que estão em atividade há mais tempo.

Fundada em fevereiro de 1921 por Olival Costa e Pedro Cunha, a ***Folha de S.Paulo*** foi criada em oposição a *O Estado de S. Paulo*, o mais influente da cidade naquele momento. Então, a partir de 1960, quando as três edições – da manhã, da tarde e da noite – foram unidas para formar a conhecida *Folha*, a empresa gradativamente passou a se destacar no mercado jornalístico brasileiro, sobretudo por ter sido pioneira em muitas atividades, tais como: o investimento na impressão *offset*; a criação de uma seção para artigos que se pautassem na pluralidade ideológica; a instituição do cargo de *Ombudsman* (estabelecido para avaliar a qualidade do jornal); a implantação do seu primeiro *Manual de Redação*; e o recorde de vendas em todo o país com o *Atlas Folha/The New York Times*, em 1994.

Figura 2 – *Folha de S.Paulo*



Fonte: Ver Capas (2022).

Outros feitos que a tornaram singular no jornalismo brasileiro foram a criação da *FolhaWeb*, o primeiro site de notícias em 1996; o lançamento do jornal *Agora* e do *Valor Econômico* (este em parceria com o Grupo Globo); a renomeação do site para *Folha.com* em 2010; e a adoção do *paywall* poroso – vale mencionar que, mais uma vez, foi a primeira a

experimental esse modelo¹⁰. Agora, com 101 anos de existência, o jornal continua a ser considerado um dos mais notáveis do país.

Do mesmo modo, podemos apresentar o seu grande concorrente: **O Globo**. Este foi fundado em julho de 1925 por Irineu Marinho e, mais tarde, coordenado pelo seu filho Roberto Marinho, que permaneceu na direção por 72 anos, até sua morte. Em 1936, cobrindo a participação da nadadora Piedade Coutinho nas Olimpíadas de Berlim, o jornal foi o primeiro do Brasil a publicar uma telefoto. Já em 1959, noticiando inédita e frequentemente os conflitos da Segunda Guerra Mundial, também foi o primeiro na América Latina a publicar radiofotos em cores.

Figura 3 – O Globo



Fonte: Ver Capas (2022).

Naturalmente, com o desenvolvimento tecnológico, aos poucos foi sendo aperfeiçoado e conhecido, o que lhe rendeu uma edição dominical em 1972. Mais tarde, em 1982, a fim de que fosse estabelecida uma conexão mais forte com os leitores, a pedido de Roberto Marinho foram criados os *Jornais de Bairros*, divididos em mais sete cadernos que cobrissem o crescimento de outras cidades do estado do Rio de Janeiro: Méier, Barra, Copacabana, Ipanema, Madureira, Botafogo, Leopoldina, Ilha e Niterói. A partir disso, foram lançados não somente outros jornais (*Extra* e *Expresso*) e o site oficial do *Globo* em 1996, mas também foi inaugurado o Parque Gráfico em 1999, para que houvesse um aumento na produção de impressos, uma vez que o jornal continuava a se expandir fortemente no mercado jornalístico brasileiro¹¹, o que persiste até os dias atuais.

¹⁰ HISTÓRIA da Folha. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, [199-?]. História da Folha. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4. Acesso em: 10 mai. 2022.

¹¹ LINHA do Tempo. **Memória O Globo**. Rio de Janeiro, [2013?]. Linha do Tempo. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/>. Acesso em: 13 jun. 2022.

Da mesma forma, com um notável desempenho, encontra-se *O Tempo*, utilizado em nossa pesquisa de IC, como dissemos. Lançado em novembro de 1996 por Vittorio Medioli, ele continua a ser um dos jornais de maior circulação no estado mineiro. Em seus 24 anos de trajetória, foi gradativamente adaptado às necessidades da população e assumindo também o formato digital, o que lhe rendeu posições satisfatórias no ranking dos mais vendidos do Brasil.

Figura 4 – *O Tempo*



Fonte: Ver Capas (2022).

No que concerne à sua liderança e à sua qualidade, de acordo com pesquisa realizada pela Associação Nacional de Jornais, em 2014 *O Tempo* atingiu a 20ª posição no top 50 dos jornais mais vendidos em todo o Brasil¹². Já em 2018, segundo o artigo também publicado no *Portal O Tempo*, podemos encontrá-lo entre os dez mais vendidos do país ao completar seus 22 anos de trajetória, o que o fez superar a queda nas vendas que os jornais impressos tiveram devido ao advento das mídias digitais. Além disso, em artigo publicado em 2019, vemos que os jornais *O Tempo* e *Super Notícia* da Sempre Editora¹³ representavam o mercado jornalístico mineiro naquele ano, impactando cerca de 2 milhões de pessoas em toda a região e, mais uma vez, liderando o ranking dos mais vendidos do país. Por fim, em 2020, “segundo o IVC, que faz auditoria de 45 veículos em todo o país, só em Minas Gerais foram 151.099 exemplares lidos por dia, em julho. Desse total, 82,5% foram do **Super** e de **O TEMPO**”¹⁴ (O

¹² COUTINHO, E. Quais são os jornais de maior circulação no Brasil? **Casa dos Focas**, São Paulo, 5 jul. 2013. Disponível em: <https://www.casadosfocas.com.br/quais-sao-os-jornais-de-maior-circulacao-no-brasil/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

¹³ A saber, *Sempre Editora* é um grupo de mídia impressa de Minas Gerais que tem como parte do seu domínio os jornais *O Tempo*, *O Tempo Betim*, *O Tempo Contagem*, *Super Notícia* e *Pampulha*, além de administrar o *Portal O Tempo* e a rádio Super 91, 7 FM, seu veículo mais novo e, ainda assim, com uma grande audiência.

¹⁴ SUPER Notícia é o jornal impresso mais vendido do Brasil. **O Tempo**, Contagem, 5 set. 2020. Cidades. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/super-noticia-e-o-jornal-impresso-mais-vendido-do-brasil-1.2381219>. Acesso em: 10 ago. 2021.

TEMPO, 2018, *on-line*, grifo do autor). De acordo com Guimarães, diretor-executivo da *Sempre Editora*, os jornais nunca tiveram um alcance tão grande como esse.

Ao fim, o que podemos concluir a respeito do tão significativo alcance desses jornais é que nos manteremos com o mesmo posicionamento de que os usos linguísticos utilizados nas notícias deverão se aproximar ao máximo da norma padrão, uma vez que os redatores, por fazerem parte da cultura escrita, têm conhecimento da pressão que esse tipo de registro exerce no domínio discursivo do qual fazem parte, como vimos na orientação do *Manual de Redação* da própria *Folha*. Além disso, para reforçar esse ponto de vista, trazemos novamente Faraco (2011, p. 271-272), que explica que a possível preferência às formas de prestígio, preservadas pelos manuais de consulta tradicional, ainda persiste devido ao mito de unicidade da língua, agora também alimentado por *consultórios gramaticais de imprensa*.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, começaremos por apresentar brevemente a disciplina científica orientadora deste trabalho, a Linguística Histórica (LH). Em seguida, discorreremos sobre o conceito de transitividade e regência verbal próprio do século XIX e do XXI, já que o intuito é o de verificarmos se houve alguma mudança nas concepções – para isso, conferiremos Thomaz Brandão (1888) e Cláudio Brandão (1963), os quais serão o nosso referencial teórico para lidarmos com os dados da sincronia pretérita, e Celso Luft (1976, 2008) e Cunha e Cintra (2017), que serão o da sincronia contemporânea. Mais adiante, conforme conduzem os objetivos desta pesquisa, dedicaremos uma atenção especial ao que preconizavam os referidos gramáticos, em ambos os períodos, a respeito das regras para o emprego do par de verbos sob estudo, porque elas “[...] refletirão o conceito de norma prescritiva da época, isolando indiretamente variantes consideradas estigmatizadas pela comunidade” (TARALLO, 1997, p. 71). Por fim, no último subtópico, também refletiremos a respeito da natureza pronominal desses verbos, com o intuito de mostrarmos o quão complexo isso ainda se mostra estar dentro da literatura e, naturalmente, a posição que assumimos diante disso para que a análise fosse feita adequadamente.

3.1 Linguística Histórica

Como sabemos, é indiscutível o fato de que o fascínio pelo estudo da linguagem venha de tempos remotos. Conforme Marcuschi (2008), cogita-se que o primeiro trabalho linguístico tenha sido realizado na Índia, há cerca de 2500 anos, por Panini, que, por motivações religiosas, foi levado a descrever cuidadosamente a língua. Além disso, há de serem mencionadas as contribuições filosóficas vindas da Grécia Antiga, dessa vez com o foco não apenas no nível estrutural da língua, mas também no discursivo. Assim, progressivamente, mais investigações foram sendo feitas, sobretudo para que se tornasse possível, enfim, aproximar-se de uma explicação para a mudança das línguas.

Naturalmente, todo esse movimento redundou em um significativo arcabouço teórico para as novas perspectivas de estudo da linguagem que ainda estariam por vir. A exemplo disso, conforme costuma-se ouvir dizer, mais ao fim do século XVIII há a cristalização da *Linguística Histórica* – embora já existissem reflexões acerca da natureza das línguas há muito tempo, como vimos. Segundo Sousa (2006), esse movimento, guiado por comparativistas e neogramáticos, foi fundamental para tornar a Linguística uma disciplina

científica, pois, ao trazer consigo ainda mais rigor metodológico para os estudos históricos das línguas, contribuiu ricamente para a formação da linguística moderna, no início do século XX.

Em suma, um dos grandes nomes dessa fase oitocentista foi o inglês William Jones, com seu estudo sobre o grau de parentesco entre o sânscrito, o latim e o grego, o que teve um resultado muito positivo na academia e depois possibilitou também o surgimento dos estudos comparativos, cujos grandes precursores foram Friedrich Schlegel e Franz Bopp. Assim, a partir dos trabalhos de Jones e especialmente dos de Bopp, tais investigações ganharam força e cristalizaram “a base metodológica primordial da Linguística Histórica”: o *método descritivo-comparativo* (ROSA, 2015, p. 3).

Mais tarde, no entanto, ao não considerar como a língua se comportava diacronicamente em sua investigação sobre as subfamílias e famílias indo-europeias, Bopp abriu caminhos para que John Grimm aderisse a esse novo procedimento em seu estudo sobre as línguas germânicas, considerando, desta vez, seus estágios ao longo de 14 séculos. Assim, “sob a ótica deste novo prisma de análise linguística, o pesquisador acabou dando origem à *Gramática ou Linguística Histórico-comparativa*” (ROSA, 2015, p. 3, grifo do autor).

Contudo, “com o advento do Estruturalismo no início do século XX, os estudos das línguas passaram por transformações metodológicas e o foco deixou de ser o estudo da evolução das línguas em favor do estado atual das mesmas” (ROSA, 2015, p. 4), tendo Ferdinand de Saussure como precursor da proposta. Nesse movimento, devemos lembrar que, ao instaurar a dicotomia *diacronia-sincronia*, o linguista referia-se a formas de se observar a *langue* (língua), sistema homogêneo, em detrimento da *parole* (fala), naturalmente dinâmica e por isso “caótica”. Assim, desse ponto de vista, como a língua pressuporia uma relativa estabilidade, seria mais adequado privilegiar-se o estudo sincrônico, ou seja, a análise a partir de um período específico na linha do tempo, ao que também já se pressupõe uma falsa estabilização, para fins metodológicos.

Devemos avisar, no entanto, que não daremos continuidade a esse percurso histórico, ainda que a discussão seja necessária, pois, nesta pesquisa, não temos como objetivo primeiro retomar a trajetória dos estudos linguísticos de maneira geral nem definir com exatidão o que é a LH – além de que “[...] os estudos históricos sobre as línguas têm se ocupado *da linguagem sob a chave do tempo*. Mas conforme se conceba “*linguagem*”, e conforme se conceba o “*tempo*”, essa delimitação vai adquirir diferentes significados” (SOUSA, 2006, p. 13, grifo da autora).

Por isso, consideramos adequado para o momento orientarmos nosso trabalho apenas a partir da definição geral de Bynon¹⁵ (1983, p. 52 *apud* MENDES, 2000, p. 52), para quem:

A Lingüística Histórica procura investigar e descrever o modo pelo qual as línguas mudam ou mantêm sua estrutura através do tempo. [...] Isso significa que é possível abstrair dos documentos a estrutura gramatical da língua de cada período e, desta forma, uma série de gramáticas sincrônicas podem ser postuladas e comparadas [...].

Entendido, portanto, que a *realidade empírica central* dessa disciplina (FARACO, 1997, p. 14) é o fato de que todas as línguas naturalmente sofrem alterações com o decorrer do tempo e que isso pode ser constatado cientificamente por meio do método descritivo-comparativo, consideremos agora dois pontos extremamente relevantes para essa área em que nos inserimos: a característica e a percepção da mudança.

Segundo Faraco (1997), comecemos por entender primeiro que a mudança linguística, em síntese, pode ser *contínua, lenta, gradual e relativamente regular*. Contínua porque a língua tal como a percebemos hoje é resultado de uma ininterrupta série de transformações ao longo da história, o que, surpreendentemente para os falantes, também acontece no estado contemporâneo em que se encontram. Nos estudos da linguagem, verificamos que esse desenvolvimento ocorre por meio da variação linguística – seja ela diatópica, diastrática ou diamésica¹⁶ –, a qual implicará mudança ou não. A respeito disso, dizemos que são as reações, positivas ou negativas, dos falantes às formas em alternância que controlarão esse processo, podendo acelerá-lo, prorrogá-lo ou, inclusive, impedi-lo.

Entretanto, devemos pontuar que, diferentemente do imaginário social de que falares estigmatizados e distantes da norma padrão estejam exterminando a língua, a variação e a mudança não são degeneradoras. Na verdade,

O desaparecimento de uma língua é resultado do desaparecimento da própria sociedade que a fala. [...] Diferente é, porém, a situação de línguas como o latim. Nenhuma sociedade fala hoje o latim propriamente dito. Contudo, de certa maneira, ele continua sendo falado, embora de forma bastante alterada, pelas sociedades que falam as chamadas línguas românicas como o português, o espanhol, o francês, o italiano, o romeno, o sardo, o catalão. (FARACO, 1997, p. 45)

¹⁵ “Historical Linguistics seeks to investigate and describe the way in which languages change or maintain their structure over time. [...] This means that it is possible to abstract from the documents the grammatical structure of the language of each period and, in this way, a series of synchronous grammars can be postulated and compared [...]”. BYNON, T. **Historical Linguistics**. London: Cambridge University Press, 1983.

¹⁶ A saber, diatópica é a variação que ocorre a partir das regiões em que se localizam os falantes (ou seja, é a diferença linguística existente no próprio país ou entre as línguas do mundo); diastrática é a variação decorrente do fator social, isto é, da escolaridade, da faixa etária, do nível socioeconômico, do gênero, da profissão etc.; diamésica (ou diafásica), por fim, é a variação conforme a situação de uso da língua, o que direciona o falante a optar por um registro mais ou menos formal (BELINE, 2002).

Em outras palavras, ao sofrer mudanças, a língua não está sendo destruída, mas sim atualizada de acordo com as demandas sociais. Se assim o fosse, não estaríamos nos comunicando por meio do que chamamos hoje de PB, por exemplo. Ou seja, isso significa que a mudança atinge lentamente apenas algumas partes da língua, e esse é o motivo pelo qual a sua estrutura e a sua funcionalidade não são afetadas. Aliás, como também já pontuamos, esse processo ocorre de maneira relativamente regular. De outra forma, podemos dizer que a mudança não é aleatória. Na verdade, interna e externamente motivada, atinge um determinado elemento linguístico, em um mesmo contexto de uso, de modo sistematizado. A exemplo disso, Faraco (1997) menciona a passagem das consoantes [kl] e [pl] do latim, em início de sílaba, para [λ] no espanhol e [ʃ] no português, como o seguinte esquema:

Quadro 1 – Evolução das consoantes

latim	espanhol	português
<i>clamare</i>	<i>llamar</i>	<i>chamar</i>
<i>clave</i>	<i>llave</i>	<i>chave</i>
<i>plenu</i>	<i>lleno</i>	<i>cheio</i>
<i>plicare</i>	<i>llegar</i>	<i>chegar</i>

Fonte: Faraco (1997, p. 51).

Com isso, esperamos ter ficado evidente que, devido à natureza discreta e aparentemente ordenada da mudança, é natural ao falante não percebê-la ou, quando o faz, não avaliá-la positivamente, pelo menos a princípio – mencionemos apenas que essa tomada de consciência pode ser estimulada a partir do contato do falante com textos mais antigos, com o contraste entre língua falada e língua escrita ou com falares típicos de outras gerações, regiões ou estratos sociais, em especial, com aqueles mais desfavorecidos economicamente.

Assim, passando àquele segundo ponto importante de ser abordado – o da percepção da mudança –, podemos localizar também outro fator que propicie essa sensação de estabilidade da língua: a indiscutível pressão exercida pela modalidade escrita nas sociedades que a têm como parte de sua cultura. De modo a não nos estendermos ainda mais, com isso apenas entendamos que a escrita, ao longo da história, foi pensada para conservar um modelo de língua, devido à sua natureza mais permanente, ao contrário do aspecto sonoro da linguagem, e à sua associação com situações de uso mais formais, o que está socialmente ligado à condição de **prestígio**.

Em outras palavras, esse padrão de língua,

[...] codificado em gramáticas, cultivado pelos letrados e ensinado pelas escolas, adquire um estatuto de estabilidade e permanência maior do que as outras variedades da língua, funcionando, conseqüentemente, não só como refreador temporário de mudanças, mas principalmente como **ponto de referência** para a imagem que os falantes constroem da língua. (FARACO, 1997, p. 15, grifo nosso)

Por isso, as inovações linguísticas constituem valiosas pistas para os estudos da linguagem, sobretudo quando se manifestam nessa modalidade mais conservadora. Como vimos, é a partir da avaliação dos falantes que o pesquisador pode verificar se determinados usos apontam para uma *mudança em progresso* ou apenas para um caso de *variação estável*. Isso porque, conforme pontua o referido autor, o processo de implementação de uma nova forma linguística pode acontecer da seguinte maneira: ao surgir na fala dos grupos socioeconômicos mais baixos, uma dada variante passa a se propagar também na fala dos grupos intermediários e eventualmente na dos mais altos, desvinculando-se aos poucos do seu estigma; a partir de então começa a ocorrer em contextos formais de fala para, por fim, ser aceita na escrita. Ou seja, é um processo de ordem ascendente no estrato social. Contudo, lembramos novamente, nem toda variação implica mudança, mas toda mudança resulta da variação (FARACO, 1997, p. 23). E é considerando isso que verificaremos os usos de regência dos verbos *esquecer(-se)* e *lembrar(-se)* em jornais dos séculos XIX e XXI, à luz dos gramáticos contemporâneos a eles.

3.2 Transitividade e regência verbal

Como sabemos, é caro à sintaxe o estudo das relações estabelecidas entre as partes da *proposição* – ou seja, do enunciado – e das funções que elas exercem a partir disso. Desse modo, nessa área é tradicional a análise da regência, verbal ou nominal, além da conjugação e da colocação. Como bem pontuado por Brandão (1888, p. VIII): “A syntaxe de regencia ensina a ajuntar ás palavras os complementos exigidos pela sua significação ou pelo sentido, e a empregar as preposições que devem ligar os complementos aos seus antecedentes, conforme as relações que ellas exprimem”.

A saber, com isso também concordam os demais gramáticos com quem trabalhamos nesta pesquisa. Desse modo, em outras palavras, podemos dizer que *regência*, de maneira geral, é a relação de interdependência entre os elementos – ou melhor, os termos – da língua. Trata-se do “[...] princípio que governa a estrutura da frase, lhe dá sentido, equilíbrio e perspectiva” (CELSO LUFT, 1976, p. 126). Contudo, no caso desta pesquisa, interessa-nos apenas a conexão entre o verbo (termo regente) e seu complemento (termo regido), o que pode ocorrer com ou sem o emprego de uma preposição, como bem sabemos. Nesse caso,

portanto, o verbo terá predicação *incompleta* (ou seja, será transitivo), de modo contrário aos intransitivos, cuja predicação é *completa*, nas palavras do referido autor.

Nesse sentido, primeiramente, relembremos que, para classificarmos a predicação de um verbo, no que diz respeito à transitividade e à intransitividade, basta analisarmos se a ação expressa por ele vai além de si, ou seja, se recai a outro elemento ou não. Assim, será transitivo o verbo que necessitar de um complemento, direto ou indireto, para expressar sua ação; caso contrário, será intransitivo, já que toda a ação e o significado estarão contidos nele. Contudo, devemos frisar, conforme explicam Cunha e Cintra (2017, p. 152): “a análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente”, uma vez que há a possibilidade de a predicação verbal sofrer alterações, com o que concorda Celso Luft (1976, p. 136-137).

Aliás, ainda a respeito da predicação, a única divergência que encontramos foi na nomenclatura adotada em cada período, como esperávamos:

Quadro 2 – Relação da nomenclatura adotada para a transitividade ao longo do tempo

TRANSITIVIDADE	
XIX	XXI
Verbo substantivo (referente ao <i>ser</i>)	VL
Verbo adjetivo	VI ou VT
Verbo (adjetivo) relativo	VTI, VTAdv. ou VI
Verbo (adjetivo) transitivo	VTD

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 3 – Relação da nomenclatura adotada para o complemento ao longo do tempo

COMPLEMENTO	
XIX	XXI
Complemento necessário do verbo relativo	Complemento verbal de VTI, VTAdv. ou VI, ou seja, OI, CAdv. ou AAdv.
Complemento necessário do verbo de ação transitiva	Complemento verbal do VTD, ou seja, OD
Complemento accidental	AAdv. ou AAdn.

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos perceber, na sincronia pretérita¹⁷, a respeito da transitividade, falava-se em *verbo substantivo* e *verbo adjetivo*, sendo este correspondente aos *verbos intransitivo* e *transitivo* e aquele, ao *verbo de ligação*, como pudemos entender. Quanto aos complementos – conhecidos como o termo que completa ou modifica o seu antecedente –, verificamos que, no passado, eram divididos em *necessário* e *accidental*¹⁸. O primeiro era assim chamado por ser naturalmente exigido pelo antecedente, o que hoje categorizamos

¹⁷ Brandão (1888, p. 8).

¹⁸ Brandão (1888, p. 18).

como *complemento verbal*; o segundo, de modo contrário, não era fundamental para integrar a significação da palavra anterior, sendo, portanto, o que atualmente identificamos como *adjunto adverbial* e *adjunto adnominal*. Por fim, o que antes¹⁹ era chamado de *complemento necessário do verbo relativo* passou a ser classificado como *objeto indireto*, *complemento adverbial* ou até *adjunto adverbial*, a depender da regência verbal; enquanto o *complemento necessário do verbo de acção transitiva* tornou-se o contemporâneo *objeto direto* – assim, *verbo relativo* corresponde a *verbo transitivo indireto* e *verbo transitivo*, a *verbo transitivo direto*.

Posto isso, passemos ao tópico seguinte para verificarmos como os gramáticos que compõem o nosso referencial teórico – Brandão (1888), Brandão (1963), Celso Luft (2008) e Cunha e Cintra (2017) – prescreviam a regência dos verbos sob estudo.

3.2.1 Transitividade e regência dos verbos *esquecer(-se)* e *lembrar(-se)*

Antes de iniciarmos esta discussão, no entanto, julgamos ser necessário estabelecermos dois pontos. Primeiro, reforçemos que, quando dizemos “*esquecer(-se)*” e “*lembrar(-se)*” nesta Monografia, abarcamos simultaneamente as duas formas verbais que lhes são possíveis – ou seja, fazemos uma menção a ambos os verbos de modo geral. Assim, como o pronome pode ou não se ajuntar ao verbo, sinalizamos isso com os parênteses; por isso, no momento em que não nos valemos desse sinal, estamos fazendo referência a uma forma específica, por exemplo: *lembrar* (forma simples) em oposição a *lembrar-se* (forma pronominal). Em segundo lugar, apresentemos brevemente um pouco da história desses estudiosos, apenas para conseguirmos entender a postura assumida por eles em suas obras no que diz respeito à prescrição e à questão da variabilidade da língua.

Começemos, portanto, pelos autores que compõem o referencial de análise do *corpus* de língua do século XIX: Thomaz Brandão (1888), com sua *Syntaxe e Construção da Língua Portuguesa*, e Cláudio Brandão (1963), com sua *Sintaxe Clássica Portuguesa* – a saber, pai e filho. Aquele, após ter-se formado em Direito, aprofundou-se na docência e fundou o antigo Colégio de Ouro Preto. Segundo Almeida e Nogueira (2012, p. 6), em pesquisa onde traçaram um percurso historiográfico do ensino da língua portuguesa, tanto Brandão (1888) quanto Kury (1999) trouxeram grandes contribuições ao estudo da sintaxe “[...] especificamente, da Função do Advérbio, uma vez que abordam a tradição, porém, optam pela inovação em suas obras”, o que já revela uma postura um pouco mais flexível diante dos fatos linguísticos.

¹⁹ Brandão (1888, p. 22-26).

No entanto, diferentemente de Thomaz Brandão, verificamos que o professor e tradutor Cláudio Brandão mostrava-se mais conservador frente às mudanças da língua. Na verdade, embora fosse um gramático pós-NGB²⁰, ele baseou-se em textos clássicos a partir do século XVII para “[...] construir um compêndio, que, aliado à literatura das escolas e os esforços da imprensa, rádio, “doutrina religiosa” e “oratória parlamentar”, encarregue-se de refrear a “depravação” causada pelas “intrusões indébitas que a deformam” (NOCCIOLI e CARVAS, 2019, p. 603). Diante disso, julgamos que o posicionamento e as contribuições de Brandão (1963) também seriam interessantes para esta pesquisa, uma vez que poderiam complementar o referencial teórico da sincronia pretérita ao apontarem para um modelo de língua anterior ao do século XIX.

Agora, passemos a Celso Luft (1976, 2008) e Cunha e Cintra (2017), com base nos quais avaliaremos o *corpus* de língua do século XXI. Esses também são gramáticos pós-NGB, contudo têm motivações divergentes das de Brandão (1963). Isto é, em sua *Gramática resumida*, por exemplo, Celso Luft, tendo como objetivo divulgar e explicar a NGB, enquanto filólogo, linguista e professor, priorizou a prática da língua em vez do estudo somente em nível de análises gramaticais – o que podemos encontrar no capítulo explicativo do livro, após o prefácio. Desse modo, embora colaborasse com a criação de um manual de consulta tradicional e reconhecesse a relevância disso social e linguisticamente, ainda visibilizava usos que fossem não padrão e estigmatizados na língua.

Aproximando-se desse posicionamento, temos Lindley Cintra e Celso Cunha, também filólogos e professores. Juntos, colaboraram na escrita da *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, que pode ser tomada como

[...] uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Não descuramos, porém, dos fatos da linguagem coloquial, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas. (CUNHA e CINTRA, 2017, p. 14)

Considerados, portanto, a formação e o posicionamento dos referidos gramáticos frente à mobilidade da língua, abordemos enfim as orientações para o emprego dos verbos sob estudo. Do ponto de vista semântico, começemos por estabelecer que, de acordo com os quatro manuais consultados, o verbo *esquecer(-se)*, em ambas as formas – ou seja, *esquecer* e *esquecer-se* – tem a acepção de *olvidar, sair da lembrança*, enquanto que na simples tem a de

²⁰ A saber, a NGB foi instituída em 1959 visando à padronização da terminologia utilizada nacionalmente no ensino ou no estudo individual da língua portuguesa brasileira.

não fazer caso de, abandonar, desprezar, largar. Brandão (1888, p. 179), assim como Celso Luft (2008, p. 278), prevê esta; entretanto, não trabalharemos com ela, já que, nesse caso, o verbo será empregado ou sem complemento (VI), ou com complemento locativo, o que se distancia do foco da pesquisa. O *lembrar(-se)*, por seu turno, atualmente²¹ tem três: i) *recordar, relembrar* (a mais recorrente e foco desta pesquisa, pois as prescrições de uso são as mesmas para as do seu par com a primeira e mais tradicional acepção); ii) *trazer à lembrança, sugerir, evocar*; iii) *fazer recordar, advertir*.

Do ponto de vista sintático, no entanto, encontramos algumas divergências, conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro 4 – Transitividade dos verbos conforme a norma vigente em cada sincronia

Gramáticos	Transitividade			
	esquecer	esquecer-se	lembrar	lembrar-se
Brandão (1888)	VTD, VI	VTI	VI, VTDI	VTI
Brandão (1963)	VTDI	VTI	VTDI	VTI
Celso Luft (2008)	VTD, VTI, VI	VTDp(I) ²²	VTD, VTI, VTD(I), VI	VTDp(I)
Cunha e Cintra (2017)	VTD, VI	VTI	VTD, VTDI, VI	VTI

Fonte: Brandão (1888); Brandão (1963); Celso Luft (2008); e Cunha e Cintra (2017).

Diante do **Quadro 4**, o que podemos verificar em primeiro lugar é uma divergência entre os próprios gramáticos da sincronia pretérita, já que Brandão (1963, p. 611-613) prescreve o uso desses verbos apenas na forma pronominal – além da possibilidade de empregá-los como VTDI, o que, no entanto, diz respeito à acepção *fazer recordar, advertir*, excluída de nossa análise –, enquanto Brandão (1888, p. 179) inova ao registrar o verbo *esquecer* com sentido de *olvidar, sair da lembrança* desacompanhado de pronome, mas apenas este.

²¹ Dizemos isso porque, embora Brandão (1963) não tenha abordado a semântica de ambos os verbos em sua gramática, Brandão (1888), por outro lado, até informou que, no sentido de fazer com que alguém se recordasse de algo, *lembrar(-se)* deveria ser utilizado como VTDI – ou, em suas palavras, *activo transitivo e relativo*, regido pela preposição *a* (p. 194) – e que, do mesmo modo que seu par, caso fosse utilizado na forma pronominal, o complemento necessitaria da preposição *de*. No entanto, também não especificou as possíveis acepções para esse emprego. Contudo, tendo em vista os exemplos de uso apresentados por Brandão (1963, p. 45), que não se distanciam das construções registradas pelas gramáticas contemporâneas, assumimos que *lembrar(-se)* ainda pudesse ser empregado, na sincronia pretérita, com alguma daquelas três acepções – sobretudo porque as encontramos n’*O Universal*.

²² Segundo o referido autor, na classificação VTDp(I) – equivalente ao tradicional VTI –, o complemento indireto se encontra entre parênteses porque, como sabemos, é possível que a preposição seja omitida em alguns casos. Sob esse ponto de vista alternativo, podemos dizer também que, quando classificado como VTI, o verbo, na verdade, terá sido empregado na forma simples (ou seja, sem o pronome) com complemento indireto. Contudo, detenhamo-nos a essa proposta no subtópico seguinte.

Ao verificarmos isso, fomos levados a pensar que a forma simples desse par ainda não fizesse parte da norma padrão daquele período, o que foi corroborado por Ribeiro (1923) – a quem mais tarde recorreremos como leitura complementar. Isso porque, para ele, “é galicismo, usado como verbo transitivo. *Esquecer o chapéu* por *esquecer-se do*. Mas é de bom quilate: *esqueceu-me o chapéu* (ou *esqueci-me do chapéu*)” (p. 247) – isso, por outro lado, põe-nos em dúvida quanto ao uso de *lembrar*, que não foi mencionado; no entanto, por serem próximos sintaticamente, encontramos a possibilidade de isso se aplicar a ele também. Ainda sobre isso, saibamos: “força é confessar que, apesar da reacção dos grammaticos, os gallicismos vão sendo adoptados na língua escripta e em grande numero já correm na linguagem popular” (RIBEIRO, 1923, p. 248). Contudo, ainda que essa seja uma discussão relevante, deixaremos que outros pesquisadores deem continuidade a ela, sendo suficiente para o nosso estudo apenas essas informações.

Agora, prossigamos refletindo sobre os registros dos gramáticos contemporâneos. De maneira geral, embora notemos que Celso Luft (2008) apresente uma classificação alternativa, que se destaca apenas por evidenciar a forma assumida pelo verbo, não entendemos que as prescrições divergiam-se entre si como na sincronia pretérita. Isto é, tanto *esquecer(-se)* quanto *lembrar(-se)*, quando da forma simples, serão tradicionalmente empregados ou com complemento direto, ou sem complemento explícito em ambas as propostas; e quando da pronominal, com complemento indireto – ou seja, como VTI para Cunha e Cintra (2017)²³ e VTDp(I) para Celso Luft (2008). Dentro disso, os autores também concordam que sejam *viciosas* (ou então, *brasileirismos*) as construções em que o pronome é elidido, sobretudo quando há um complemento oracional no infinitivo – o que já é corrente na linguagem dos escritores brasileiros – e naquelas em que a preposição²⁴ é suprimida, sendo isso característico do verbo na forma pronominal.

Além disso, sabendo que há mais duas construções correntes na literatura, mencionamos o seguinte:

Aparentemente quatro modos de dizer o mesmo: (1) alguém esquece um incidente, (2) alguém (se) esquece de um incidente, (3) um incidente esquece a alguém ou esquece a alguém um incidente e (4) esquece a alguém de um incidente. Notar porém que (1) e (2) realçam a pessoa, sujeito do esquecer, ao passo que (3) e (4) impessoalizam o esquecer – efetivamente, sintaticamente, em (4) –, subjetivando o objeto do esquecer [em (3)]. A construção (1) é a mais usada, mais simples e

²³ A saber, o mesmo encontramos em Bechara (2009, 2010) e Rocha Lima (2011), em uma leitura complementar.

²⁴ “Esquece-se que não tenho outra companhia [...]” (Alves Redol, *BC*, p. 296 *apud* CUNHA e CINTRA, 2017, p. 540).

econômica, ao passo que (3) e (4) são da linguagem literária. (CELSO LUFT, 2008, p. 277)

Ou seja, na terceira, o que era o objeto passa a figurar como sujeito – ou seja, há uma inversão de papéis – e na quarta há a chamada *contaminação sintática*, o que significa que, a partir dessa construção inversa e da tradicional pronominal com complemento indireto, surge mais uma: “Nunca me esqueceu do seminário” (ROCHA LIMA, 2011, p. 523). Aliás, segundo os referidos autores, não podemos deixar de notar a sutileza entre *esqueci-me* e *esqueceu-me*: a primeira forma contribui para a sensação de que o esquecimento pareça ter sido de alguma forma consciente, forçado, ao contrário da segunda, que nos leva a interpretar que o ato possa ter sido espontâneo, involuntário. Contudo, devemos logo mencionar que essas construções foram excluídas da análise porque, ainda que equivalentes às tradicionais (BRANDÃO, 1963), além de o pronome oblíquo figurar uma função sintática, acreditamos ser necessário um estudo mais detalhado a respeito da semântica desses verbos, o que diverge do objetivo geral desta pesquisa e infringe os limites que nos impõe um trabalho monográfico.

Dito isso, finalizemos esta seção comparando as prescrições vigentes em ambas as sincronias: i) entendemos que o verbo introduzido por complemento indireto na forma pronominal aparentava ter mais prestígio em tempos remotos, o que se justifica pelo fato de os gramáticos da sincronia pretérita não registrarem – Brandão (1963) – ou registrarem em partes – Brandão (1888) – a forma simples acompanhada de complemento direto, tendo sido esta um *gallicismo*, conforme Ribeiro (1923); ii) verificamos que ambas as formas estão igualmente reconhecidas nas gramáticas contemporâneas consultadas – desde que a simples seja empregada com complemento direto, ou intransitivamente, e a pronominal, com complemento indireto –, o que nos possibilita a interpretação de que passaram a ser aceitas como parte da norma padrão da língua; iii) as variantes consideradas *viciosas* nos manuais de consulta contemporâneos tinham esse mesmo *status* nos da sincronia pretérita, com exceção da forma VTD, que hoje é aceita, como sabemos.

3.3 Esquecer(-se) e lembrar(-se): verbos pronominais ou reflexivos?

Conforme dito na Introdução, para além da transitividade, sabemos ser possível encontrar na literatura uma certa polêmica no que concerne à forma desses verbos – o que já foi evidenciado quando mencionamos a classificação alternativa de Celso Luft (2008) no **Quadro 3** e as prescrições divergentes entre si na sincronia pretérita. Melhor dizendo, apesar dos esforços da NGB em padronizar a metalinguagem em âmbito educacional, percebemos

que os gramáticos contemporâneos ainda divergem quanto à nomenclatura adotada. Por essa razão, refletiremos sobre o que alguns dos grandes nomes dos estudos gramaticais têm postulado a respeito dos chamados *verbos pronominais* e *verbos reflexivos*, para que comparemos essas contribuições com algumas da sincronia pretérita e, assim, informemos que posição assumimos neste trabalho. Contudo, antes devemos avisar que não temos a pretensão de esgotar o tema; apenas ensejamos iniciar uma discussão academicamente relevante que pode vir a ser objeto de análise de outras pesquisas. Posto isso, vejamos o quadro abaixo:

Quadro 5 – Nomenclaturas adotadas pelas gramáticas contemporâneas

Gramáticos	Verbo pronominal x verbo reflexivo	Pronome <i>se</i>
Celso Luft (2008)	Não faz distinção entre as nomenclaturas, mas se distingue dos autores consultados ao propor uma classificação verbal alternativa, como vimos. Para ele, no caso desses verbos, o pronome oblíquo se refere ao pronome reto, ou seja, ao sujeito.	Pode ser <i>parte integrante</i> dos verbos pronominais <i>essenciais</i> , assim chamados porque o pronome não assume função sintática; <i>objeto</i> , quando for necessário ao verbo; e <i>realce</i> , quando o verbo funcionar intransitivamente. Nos dois últimos casos, será dito que os verbos são pronominais <i>acidentais</i> , segundo a tradição.
Bechara (2009)	Não faz distinção entre as nomenclaturas e compartilha do mesmo conceito que Celso Luft (2008).	Pode funcionar como <i>parte integrante</i> em verbos que indiquem sentimento e como <i>pronome de realce</i> ou <i>expletivo</i> em verbos de movimento.
Rocha Lima (2011)	Não faz distinção entre as nomenclaturas; apenas menciona a possibilidade de existirem verbos que tenham o pronome como parte integrante de si, ou seja, um elemento <i>fossilizado</i> .	Pode ser <i>parte integrante</i> em alguns verbos pronominais e assumir função sintática em outros.
Cunha e Cintra (2017)	Fazem distinção entre as nomenclaturas: se o pronome oblíquo assumir função sintática, o verbo será <i>reflexivo</i> ; caso contrário, será <i>pronominal</i> .	Pode ser <i>parte integrante</i> em verbos pronominais e <i>objeto</i> em verbos reflexivos.

Fonte: Celso Luft (2008); Bechara (2009); Rocha Lima (2011); e Cunha e Cintra (2017).

Conforme mencionamos anteriormente, é perceptível que dentro da literatura ainda não há um consenso a respeito do que pode ou não ser um verbo pronominal – ou reflexivo. Para ilustrar isso, localizamos três autores que concordam em não fazer uma distinção entre ambos os termos, mas que ainda assim possuem uma especificidade em seus pontos de vista, e outros dois que, juntos, consideram necessária a diferenciação das nomenclaturas, o que acontece a partir da funcionalidade do pronome na oração.

Como mostra o **Quadro 5**, tanto para Celso Luft (2008, p. 12) quanto para Bechara (2009, p. 185), o verbo pronominal é aquele empregado com o pronome oblíquo referente à mesma pessoa do sujeito – daí a possibilidade de também chamá-lo de reflexivo. Assim como Rocha Lima (2011, p. 391), que não se aprofunda na discussão, ambos concordam que o pronome,

embora reflita o sujeito, por vezes possa não assumir função sintática. Por isso, tendo sido fossilizado com o tempo, costuma ser considerado parte integrante do verbo. O mesmo também podemos encontrar em um manual de consulta tradicional como o de Brandão (1963, p. 44), segundo o qual esse pronome era chamado de *reflexo interior psíquico*, mas também tido como *objeto direto de espontaneidade* para outros gramáticos – o que ainda não era oficialmente reconhecido como tal.

Isso, como podemos ver, relaciona-se de certa forma com a proposta alternativa de Celso Luft (2008). Ou seja, conforme a tradição, os verbos pronominais são divididos em dois grupos: os *essenciais*, obrigatoriamente acompanhados de pronome reflexivo que não exerça função sintática, e os *acidentais*, ligados ao pronome que funcione ou como ênfase, ou como complemento verbal. Contudo, embora reconheça que, na prática, por vezes, o pronome possa não ter função alguma, Luft difere-se de outros gramáticos por ainda assim concebê-lo como um OD, independentemente do contexto, como já mencionamos anteriormente. Por essa razão, propõe classificar *esquecer-se de* e *lembrar-se de* como VTDpI, ainda que não explicita a sua opinião a respeito da posição ocupada pelo pronome nesses casos. Desse modo, o OD refere-se ao pronome, sendo ele fossilizado ou não.

Bechara (2009, p. 149-150), por sua vez, aproxima-se um pouco da proposta tradicional da que se distancia Luft, mas apresentando outra divisão: verbos pronominais que indiquem sentimento (ou essenciais) – dos quais fazem parte os verbos em questão – e aqueles que indiquem movimento (ou acidentais), mas estes contemplam apenas o pronome de realce, não tendo sido mencionado o grupo a que pertence o que exerça função sintática. Novamente, isso dialoga com Brandão (1963, p. 44, grifo nosso):

Os verbos que indicam fenômenos ou estados psíquicos ou afetivos tomam também os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos, se* como complementos objetivos para exprimirem que o sujeito é vivamente atingido por uma ação que nêle se passa, mas não oriunda pròpriamente de sua vontade. São, pois, **aparentemente reflexivos**, e nesta classe entram numerosos verbos pronominais, que denotam sentimentos, emoções e atos exteriorizadores de afetos do ânimo [...]

Agora, de maneira contrária a todos esses, Cunha e Cintra (2017, p. 422) destacam-se por fazerem distinção entre as nomenclaturas. Para eles, os *verbos pronominais* são aqueles que necessitam do pronome para serem conjugados. A partir disso, dividem-nos em dois tipos: i) os que são empregados apenas na forma pronominal; ii) e os que também podem ser usados na sua forma simples. No primeiro caso, os autores trazem como exemplo os verbos *apiedar-se, condoer-se, queixar-se, suicidar-se*; no segundo, fazem um contraste entre *debater* (discutir) e *debater-se* (agitar-se) e entre *enganar alguém* e *enganar-se com alguém*, para mostrar que alguns

verbos admitem tanto a forma simples quanto a pronominal e, com isso, diferem-se um do outro por ganharem ou um novo sentido, ou apenas uma nova aparência – sendo este o caso dos verbos sob estudo. Nessas duas situações, o pronome é, portanto, parte integrante do verbo. Por outro lado, os *verbos reflexivos* são assim chamados quando o pronome oblíquo, ao fazer com que a ação recaia sobre o próprio sujeito da ação, assume função sintática.

Em síntese, após essa revisão, o que podemos concluir a respeito desses verbos é que a ausência de um consenso sobre qual nomenclatura adotar não modifica completamente a classificação sintática – ou seja, é de comum acordo que o complemento direto integre-se à forma simples dos verbos e o indireto, à pronominal. Por isso, assumiremos a seguinte posição: para analisarmos todos os dados desta pesquisa, adotaremos a classificação de Celso Luft (2008) por nos parecer mais adequada ao considerar tanto a forma verbal simples quanto a pronominal – além de que essa interpretação, embora alternativa, não é tão divergente da dos demais gramáticos, uma vez que aponta para o que é tradicionalmente esperado da regência desses verbos, como vimos. No entanto, como ele não se posiciona explicitamente a respeito do funcionamento do pronome em *esquecer-se* e *lembrar-se*, ao fim estaremos considerando-o *parte integrante* – ou então, nos termos de Luft, *objeto direto pronominal fossilizado, vazio* –, já que todos os gramáticos consultados, ainda que conflitem a respeito da nomenclatura adotada, consideram-no dessa maneira ao tratarem desses verbos²⁵.

3.4 Revisão da literatura

Conforme dissemos na Introdução, ao longo deste estudo não localizamos pesquisas que lidassem diacronicamente com os verbos em questão – a saber, a busca foi realizada por meio dos descritores *Linguística Histórica*; *regência verbal*; *esquecer(-se)*; *lembrar(-se)*; *verbos pronominais*; *gramática tradicional*; *estudo diacrônico*; *notícias*; e *português brasileiro*. O máximo que encontramos a respeito e que convergissem para o nosso estudo foram dois trabalhos que lidaram sincronicamente com o mesmo objeto, mas sob pontos de vista diferentes, conforme veremos agora.

Começamos por apresentar a pesquisa de base funcionalista de Marques (2006), cujo objetivo geral foi o de analisar o uso de regência dos verbos *pagar*, *perdoar*, *assistir*, *obedecer*, *chegar*, *ir*, *esquecer(-se)* e *lembrar(-se)* em textos de todos os tipos²⁶, datados na

²⁵ Isso pode ser verificado em Bechara (2009, p. 149, 185), Rocha Lima (2011, p. 522, 529) e Cunha e Cintra (2017, p. 539, 543).

²⁶ Mencionamos que o *corpus* de língua escrita com o qual Marques (2006) trabalhou foi disponibilizado pelo Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP).

primeira metade do século XX, em contraposição ao que apregoavam os manuais de consulta tradicional. Como objetivo secundário, ela também se dedicou a comparar, por fim, esses resultados aos de sua pesquisa de Iniciação Científica, na qual foram investigados os mesmos verbos em um *corpus* de língua escrita do PB da segunda metade do século XX. Aliás, dentro desse estudo, a pesquisadora enfocou sobretudo a tensão que o atrito entre uso e norma provoca no falante, o qual ou se ajusta linguisticamente segundo as condições sociais, ou opta por utilizar uma forma estigmatizada que, em contrapartida, o permite se expressar de maneira mais adequada à sua intenção e ao seu estilo.

Passando aos resultados, destacamos o seguinte a respeito de *esquecer(-se)* e *lembrar(-se)*: i) Marques (2006) verificou que a forma não pronominal do *esquecer(-se)* foi mais frequente, enquanto que a do *lembrar(-se)* foi a pronominal; ii) ainda no que diz respeito às formas (não pronominal e pronominal), ambos os verbos foram predominantemente empregados com o complemento previsto nos manuais de consulta tradicional; iii) quanto ao número de construções oracionais, o resultado também se mostrou bem aproximado, já que, na verdade, houve uma grande preferência por complementos não oracionais para ambos; iv) comparando seus dois trabalhos, a pesquisadora verificou que, embora todos os verbos sob estudo tivessem sido empregados em grande parte conforme à norma vigente, na segunda metade do século XX esse resultado sofreu uma breve diminuição.

Agora, no que concerne à pesquisa de Santos (2021), podemos dizer que, amparada nos fundamentos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, seu objetivo foi descobrir a frequência de uso das variantes pronominal, não pronominal com complemento direto e não pronominal com complemento indireto dos verbos *esquecer(-se)* e *lembrar(-se)*, além dos fatores que as estivessem condicionando – a saber, foram utilizadas amostras de língua falada do início de 1990 e 2000²⁷. Para isso, a pesquisadora trabalhou com as variáveis linguísticas *pessoa gramatical*, *sujeito explícito* e *verbo* e com as variáveis extralinguísticas *localidade*, *gênero*, *grau de escolaridade*, *modalidade da língua* e *tipo de texto*.

Quanto aos resultados, pontuamos o seguinte: i) de modo geral, ambos os verbos foram mais empregados na forma não pronominal; ii) assim como Marques (2006), Santos (2021) percebeu que, apesar de as gramáticas apresentá-los como similares em termos de regência verbal, *lembrar-se*, no entanto, teve frequência de uso um pouco maior que

²⁷ As amostras coletadas no início de 1990 são provenientes das cidades de Natal (RN), Juiz de Fora (MG), Rio Grande (RS), Niterói (RJ) e Rio de Janeiro (RJ) e compõem o Corpus D&G, enquanto as do início de 2000 são amostras do banco de dados de Iboruna, que abarca a fala de Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiquá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto. No entanto, como nos informa Santos (2021, p. 879-880) em nota, foram considerados apenas os dados da Amostra Censo em vez dos das demais cidades.

esquecer-se, o que lhe rendeu a hipótese de que “[...] o verbo “esquecer(se)” está em um ponto mais avançado do processo [de aparente mudança em progresso]: suas formas pronominais passaram a ser abandonadas antes que as formas pronominais do verbo “lembrar(-se)” (p. 887); iii) no que diz respeito ao uso das variantes não pronominais, o *esquecer* foi mais utilizado na forma transitiva direta, ao passo que *lembrar*, na transitiva indireta.

Ao fim, o que os resultados dessas pesquisas revelam é que, de modo geral, em ambas as modalidades da língua, os falantes têm preferido a forma não pronominal do verbo *esquecer(-se)* – e, nesse caso, empregam-no consideravelmente com complemento direto, de acordo com as prescrições. Quanto ao verbo *lembrar(-se)*, no *corpus* de língua escrita utilizado por Marques (2006), vimos uma excessiva preferência pela forma pronominal com complemento indireto e até uma grande adequação às normas quando empregado na forma não pronominal. Entretanto, no *corpus* de língua falada de Santos (2021), isso ocorreu de outro modo: foi localizada uma frequência de uso maior da forma não pronominal do verbo com complemento indireto. Esses, portanto, serão os pontos a serem considerados em nossa análise.

4 METODOLOGIA

Ao considerarmos que esta é uma pesquisa quantiqualitativa, centrada em descrição e explicação de dados verbais (BRASILEIRO, 2016), apontamos a seguinte metodologia: I. pesquisa bibliográfica, na qual foram selecionadas quatro gramáticas²⁸ – Thomaz Brandão (1888); Cláudio Brandão (1963); Celso Luft (1976, 2008); e Cunha e Cintra (2017) – para lidarmos historicamente com o conceito e os usos de regência verbal, além das pesquisas de Marques (2006) e de Santos (2021), cujos resultados ao fim compararemos com os nossos; II. leitura e análise documental, tendo sido os jornais *Universal* (1825-1842), *Folha de S.Paulo* (1921-), *O Globo* (1925-) e *O Tempo* (1996-) a nossa fonte de consulta.

Dessa forma, sabendo que o principal objetivo desta pesquisa foi o de realizar um estudo diacrônico da(s) regência(s) dos verbos *esquecer(-se)* e *lembrar(-se)* em notícias de jornais dos séculos XIX e XXI, priorizamos a coleta de dados. Assim, partimos primeiro para o levantamento de todas as ocorrências na *Folha* e n’*O Globo*. No entanto, antes de detalharmos o processo, resgatemos rapidamente como fizemos isso na pesquisa de IC, já que operamos do mesmo modo.

Começando pelo *O Universal*, primeiramente, fizemos o *download* de 72 edições de 1825 – as únicas disponíveis do ano em que surgiu – no site do *Arquivo Público Mineiro*²⁹, onde é possível ter acesso a acervos documentais do estado. Na sequência, pelo site *Convertio*, transformamos os documentos em TXT, uma vez que, para nos auxiliar a localizar as ocorrências dos verbos sob análise, o *corpus* seria submetido à ferramenta *AntConc*³⁰, que não consegue fazer a busca em arquivos que estejam em formato PDF. Devemos mencionar também que, para realizarmos a busca, por precaução optamos por escrever o verbo por completo e a tentar outras formas ortográficas, já que, no início da pesquisa, o programa não conseguia ler corretamente os arquivos – o que foi resolvido quando tivemos acesso a uma outra versão do material, fornecida por Oliveira (2021)³¹. Então, ao fim dos levantamentos,

²⁸ A saber, o fichamento das gramáticas utilizadas tanto na pesquisa de IC quanto nesta Monografia foi feito por meio do *Word 2013*.

²⁹ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Jornais Mineiros: O Universal. Sistema Integrado de Acesso do APM (SIAAPM). Belo Horizonte, [19-?]. Acervo. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/jornais/search.php?query=&andor=AND&tipo_nome=1&text_nome=O&titulo=2&num_edicao=&dtini1=1825&dtini2=1825&tipo_nome_local=1&text_nome_local=A&local_edicao=0&ordenar=30&asc_desc=10&submit=Executar+pesquisa&action=results&id_REQUEST=ec20dedda1ff9f899f2abdcc48a7165e. Acesso em: 5 mai. 2021.

³⁰ Esta ferramenta foi criada pelo britânico Dr. Laurence Anthony, professor em Waseda University, no Japão. A versão utilizada para esta pesquisa foi a Windows 64-bit (3.5.8).

³¹ Orientanda de Mestrado de Dr.^a Mendes.

registramos todas as ocorrências em planilhas do *Excel*, o que nos foi pouco produtivo, tendo em vista que mais tarde tivemos de passá-las para uma tabela no *Word*. Por isso, armazenamos os dados dos jornais contemporâneos imediatamente nesse processador de texto.

Depois disso, partimos para a coleta de dados d’*O Tempo*. Para isso, acessamos o site oficial do jornal e percorremos o seguinte caminho: *Menu > Cidades: Notícias locais > Todas as notícias*. A partir disso, foram selecionadas 144 matérias que tivessem sido publicadas entre os dias 11 e 23 de novembro de 2021, ou seja, as mais recentes à busca da pesquisa. No que diz respeito ao critério da seleção, como as matérias d’*O Tempo* não eram paginadas (diferentemente das edições d’*O Universal*), tivemos de passar um dos textos para o *Word* apenas para verificar quantas páginas aproximadamente todas poderiam ter. Desse modo, a partir disso, chegamos à conclusão de que os textos atingiriam cerca de uma página e meia ou duas. Por isso, considerando que no jornal anterior havíamos verificado 72 edições, para lidar com o contemporâneo deveríamos apenas duplicar esse número. Quanto à busca propriamente dita, por ter sido um texto *on-line*, pudemos nos valer das teclas de atalho *Ctrl + F* para escrever a raiz do verbo que nos interessasse, o que funcionou da mesma forma com a *Folha* e *O Globo*. Ou seja, do mesmo modo, acessamos o site oficial deles para fazermos o levantamento das 144 matérias; contudo, desta vez, priorizamos aquelas que tivessem sido publicadas entre os dias 1º e 6 de abril de 2022 – a saber, todas se encontram em *Cotidiano*, na página inicial.

No que concerne às especificidades da análise de dados – realizada após o fichamento das gramáticas com as quais trabalhamos –, optamos por adotar a classificação alternativa de Celso Luft (2008) para lidarmos com ambas as sincronias por ter-nos parecido mais adequada, uma vez que considera as formas simples e pronominal dos verbos, conforme mencionamos antes. Aliado a isso, consideramos as prescrições dos demais gramáticos com que trabalhamos para ao fim avaliarmos o emprego desses verbos. Ou seja, reforçamos que a classificação contemporânea adotada em nada interfere na avaliação dos usos da sincronia pretérita, pois, como vimos, os verbos tradicionalmente precisam de um complemento, e essa classificação apenas sinaliza a forma verbal em que foi empregado.

Além disso, devemos mencionar que foram mantidas as frases que em sua estrutura continham a representação de discurso direto, pois, como podemos encontrar pistas do vernáculo na modalidade escrita da língua, entendemos que todas as formas seriam válidas neste estudo. Por outro lado, foram excluídos da análise os seguintes casos: i) orações cujos

verbos não estiveram flexionados; ii) orações cujos verbos estiveram na voz passiva; iii) construções em que os verbos estiveram em 3ª pessoa, na qual o objeto figurou como o sujeito da ação, conforme mencionado no subtópico 3.2.1; iv) orações cujo verbo *esquecer(-se)* não foi empregado com a tradicional acepção de *olvidar, sair da lembrança*; v) orações cujo verbo *lembrar(-se)* não foi empregado com a acepção de *recordar* ou *relembrar*³²; vi) orações cujo verbo esteve sem complemento explícito. A justificativa pela qual esses tenham sido desconsiderados está no fato de que, primeiramente, apoiamo-nos aos critérios de exclusão estabelecidos por Marques (2006) e Santos (2021), que, como vimos, lidaram com o mesmo objeto de estudo, além de que acreditamos que esta pesquisa em nível de Monografia não teria um espaço adequado para que nos aprofundássemos ainda mais em tamanha discussão.

Posto isso, passemos agora à apresentação e discussão dos dados. Primeiro, conferiremos os da sincronia pretérita, em seguida, os da sincronia contemporânea, para, por fim, realizarmos o estudo comparativo, conforme os pressupostos metodológicos da LH.

³² Referente a este quinto critério, apresentamos como justificativa para termos escolhido trabalhar apenas com esses significados o fato de que *recordar, relembrar* é “[...] a acepção que mais gera problemas quanto à regência [...]” (MARQUES, 2006, p. 133), além de que as prescrições de uso para esse caso são as mesmas para o verbo *esquecer(-se)*, independentemente da forma assumida.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Embora saibamos que entre *esquecer(-se)* e *lembrar(-se)* haja uma “estreita afinidade ideológica e sintática” (ROCHA LIMA, 2011, p. 529), é chegado o momento de verificarmos, assim como Marques (2006) e Santos (2021), se no uso eles ainda têm se mantido tão próximos conforme apontam os manuais de consulta tradicional. Assim, para seguirmos de acordo com a ordem temporal das ocorrências, começemos por apresentar os dados d’*O Universal* para depois discutirmos os da *Folha de S. Paulo*, d’*O Globo* e d’*O Tempo* – apenas para relembrarmos, na sincronia contemporânea lidamos com três jornais porque, conforme explicado na Introdução, tivemos de ampliar o *corpus* de língua do século XXI, o qual teve um número de ocorrências consideravelmente mais baixo que o do século XIX na pesquisa de IC. Ao fim, portanto, compararemos os resultados de ambas as sincronias, a fim de efetivarmos o objetivo geral desta pesquisa.

5.1 *O Universal*

Nesta subseção, discorreremos sobre os resultados obtidos nas notícias do jornal *O Universal*, publicadas ao longo de 1825, o que compõe, portanto, uma parcela do *corpus* de língua portuguesa do Brasil do século XIX. A cargo de organização, em primeiro lugar, vejamos o total de ocorrências registradas para o verbo *esquecer(-se)*:

Tabela 1 – Total de ocorrência de *esquecer(-se)* no *corpus* do século XIX

FORMAS VERBAIS	JORNAL	
	<i>O Universal</i>	
	<i>Quantidade</i>	%
esquecer (VTD)	4	26,6%
esquecer-se Ø (VTDp)	-	-
esquecer-se de (VTDpI)	4	26,6%
esquecer de (VTI)	-	-
esquecer(-se) empregado com outras acepções	-	-
esquecer(-se) empregado sem complemento explícito	-	-
esquecer(-se) empregado na 3ª pessoa	1	6,6%
esquecer(-se) empregado na forma nominal	5	33,3%
esquecer(-se) empregado na voz passiva	1	6,6%
TOTAL	15	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme mostra a **Tabela 1**, localizamos ao todo 15 ocorrências do verbo *esquecer(-se)*, tendo sido excluídas 7 (isto é, 46,6% do *corpus* total) da análise pelos motivos abaixo:

- a) O verbo foi empregado na 3ª pessoa, tendo figurado como sujeito o objeto da oração:

“Era mais preciso tirar de V. m., e pôr no dito Desembargador tudo, quanto o fizesse aborrecer; tâobem não lhe **esqueceo** este estratagena; mas foi algum tanto excessivo, e por isso não sei, o que decidirão os Jurados.” (*O UNIVERSAL*, 1825, 21. ed., p. 82).

- b) O verbo esteve na forma nominal (neste caso, no gerúndio):

“[...] declare onde principia a estrada, qual a sua extensão, e mais circunstancias a ella relativas; não **esquecendo** tâobem fazer menção dos sucessos da derrota incluindo a historia dos rios o terrenos, que o sobredito Major encontrou.” (*O UNIVERSAL*, 1825, 31. ed., p. 121)

- c) O verbo foi empregado na voz passiva:

“Alguns remedios Anti-febrís não se devem **esquecer** — Agoardente para misturar com agua do Rio para beber — Desconfiar das agoas que vem do interior, porque a maior parte sahe de Lagôas ou passa por ellas.” (*O UNIVERSAL*, 1825, 66. ed., p. 262)

Desse modo, ao fim, consideramos apenas 8 ocorrências (53,3% do total), em que *esquecer(-se)*, significando *olvidar*, *sair da lembrança*, esteve flexionado e empregado com complemento explícito. Confirmamos alguns exemplos³³ disso:

- a) Verbo na forma simples com complemento direto (VTD):

“[...] o que não consiste sómente em confiar aos outros cousas que nos possão ser prejudiciaes, mas em não abusar das alheias; que sendo cousas indifferentes, devemos logo **esquece-las** [...]” (*O UNIVERSAL*, 1825, 43. ed., p. 172)

- b) Verbo na forma pronominal com complemento indireto (VTDpI):

“Esta distribuição de classes se deve levar a tal ponto de exactidão, que, se hum menino, depois de ter passado para huma classe superior, **se esquece do que aprendeo na inferior**, he preciso torna-lo a passar para-a classe de que tinha sahido [...]” (*O UNIVERSAL*, 1825, 5. ed., p. 20).

Passando aos resultados, podemos perceber que ambas as formas verbais foram igualmente frequentes no *corpus* analisado. No que concerne ao uso de regência, como vimos no subtópico 3.2.1, Brandão (1963) menciona apenas a forma pronominal do verbo, baseando-se em textos clássicos aproximadamente do século XVII. Brandão (1888), por sua

³³ Como dissemos na Introdução, todas as ocorrências com que trabalhamos podem ser encontradas no Apêndice.

vez, registra as duas como possíveis – apesar de *esquecer*, forma simples com complemento direto, ter sido considerado galicismo, segundo Ribeiro (1923). Assim, verificamos 100% de adequação às prescrições.

Agora, vejamos o uso de seu par, para compará-los ao fim:

Tabela 2 – Total de ocorrência de *lembrar(-se)* no *corpus* do século XIX

FORMAS VERBAIS	JORNAL	
	<i>O Universal</i>	
	<i>Quantidade</i>	%
lembrar (VTD)	-	2,4%
lembrar-se Ø (VTDp)	6	14,6%
lembrar-se de (VTDpl)	21	51,2%
lembrar de (VTI)	-	4,8%
lembrar(-se) empregado com outras acepções	9	14,6%
lembrar(-se) empregado sem complemento explícito	-	-
lembrar(-se) empregado na 3ª pessoa	1	2,4%
lembrar(-se) empregado na forma nominal	4	9,7%
lembrar(-se) empregado na voz passiva	-	-
TOTAL	41	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Como vimos acima, coletamos um total de 41 ocorrências do verbo *lembrar(-se)*, tendo sido excluídas 11 (26,8%) da análise pelos seguintes motivos:

- a) O verbo foi empregado na 3ª pessoa, tendo figurado como sujeito o objeto da oração:

“Em alguma parte do Edinborough Review (não nos **lembra** agora bem o N.º) se le, que no caso de Rainha d’Inglaterra, logo que ella chegou a Londres, se juntarão os proprietarios do Times para decidirem que partido havia seguir o seu Papel, se o da Rainha, se o do Rei, e que só por hum voto se decidiu, que fosse o do Rei.” (*O UNIVERSAL*, 1825, 14. ed., p. 56).

- b) O verbo foi empregado com outras acepções (neste caso, com a de *fazer recordar*):

“Talvez que V. m. espére, que o meu trabalho tenha chegado a ultima perfeição, e em circunstancias de correr na sua excellente folha; porém tenho que **lembrar** a V. m., que a Analyse das Agoas mineraes he hum dos processos chymicos de maior difficuldade [...]” (*O UNIVERSAL*, 1825, 49. ed., p. 191)

- c) O verbo foi empregado na forma nominal (neste caso, no gerúndio):

“Em fim concluirei **lembrando** o grande Fernando Luiz Pereira de Souza Barradas, Tio do nosso Desembargador.” (*O UNIVERSAL*, 1825, 41. ed., p. 164)

Por isso, das 41 ocorrências, analisamos 30 (73,1% do total), nas quais *lembrar(-se)*, significando *recordar*, *relembrar*, foi flexionado e empregado com complemento explícito, conforme os exemplos abaixo:

- a) Verbo na forma pronominal com complemento indireto ausente (VTDp):

“Que mais precisamos nós, do que **lembrar-nos**, que as nossas luzes, as nossas artes, a nossa literatura, e as nossas sciencias, tudo nos vem da Grecia; não basta que digamos a nós mesmos?” (*O UNIVERSAL*, 1825, 41. ed., p. 163)

- b) Verbo na forma pronominal com complemento indireto (VTDpI):

“Não **se lembrou** tãoobem o Auctor de mal tão frequente.” (*O UNIVERSAL*, 1825, 47. ed., p. 188)

Posto isso, o que podemos dizer a partir da **Tabela 2** é que, diferentemente do que ocorreu com *esquecer(-se)*, a forma pronominal de *lembrar(-se)* foi a única ocorrente no *corpus* analisado. Quanto ao uso de regência, verificamos 77,7% de adequação às prescrições, tendo sido os outros 22,2% referentes as 6 formas empregadas como VTDp (*lembrar-se* \acute{O}), as quais não são reconhecidas por Brandão (1888) e Brandão (1963) como padrão na língua – o que podemos apontar como variantes inovadoras para aquele período. Nesse jornal, localizamos uma preferência por VTDp, o que ocorreu devido ao emprego de complemento oracional, como esperávamos. Por fim, acrescentamos também que as três únicas ocorrências desse verbo na forma simples foram próprias da acepção de *fazer recordar*, excluída da análise, como já dito.

5.2 Folha de S.Paulo, O Globo e O Tempo

Agora, vejamos os resultados obtidos nas notícias dos referidos jornais, publicadas entre 2021 e 2022, o que compõe uma parcela do *corpus* de língua portuguesa do Brasil do século XXI. Assim como antes, apresentemos primeiro o total de ocorrências registradas:

Tabela 3 – Total de ocorrência de *esquecer(-se)* no *corpus* do século XXI

FORMAS VERBAIS	JORNAIS					
	Folha		O Globo		O Tempo	
	qnt	%	qnt	%	qnt	%
esquecer (VTD)	4	33,3%	2	100%	2	50%
esquecer-se \acute{O} (VTDp)	-	-	-	-	-	-
esquecer-se de (VTDpI)	6	50%	-	-	1	25%
esquecer de (VTI)	1	8,3%	-	-	1	25%
esquecer(-se) empregado com outras acepções	-	-	-	-	-	-
esquecer(-se) empregado sem complemento explícito	-	-	-	-	-	-

esquecer(-se) empregado na 3ª pessoa	-	-	-	-	-	-
esquecer(-se) empregado na forma nominal	1	8,3%	-	-	-	-
esquecer(-se) empregado na voz passiva	-	-	-	-	-	-
TOTAL	12	100%	2	100%	4	100%

Fonte: dados da pesquisa.

De modo geral, conseguimos 18 ocorrências do verbo *esquecer(-se)* – 12 da *Folha*, 2 d’*O Globo* e 4 d’*O Tempo*. Desse número, tivemos de excluir da análise apenas um caso:

- a) O verbo foi empregado na forma nominal (neste caso, no gerúndio):

“[...] Mesmo passando essa dor, eu sinto paz ao ver que várias pessoas estão tirando tempo, esquecendo suas lutas diárias e orando por minha família”, escreveu.” (*FOLHA DE S. PAULO*, 3 abr. 2022)

Assim, analisamos 17 ocorrências (o que corresponde a 94,4% do *corpus* total), nas quais *esquecer(-se)*, obedecendo aos já referidos critérios, foi empregado das seguintes maneiras:

- a) Verbo na forma simples com complemento direto (VTD):

“Os governantes deveriam avaliar as reivindicações de reposição salarial sem **esquecer** as limitações financeiras e as demais necessidades de gastos.” (*O GLOBO*, 4 abr. 2022)

- b) Verbo na forma simples com complemento indireto (VTI):

“E não **esquecer** de visitar o salão de banho e tosa pelo menos uma vez por semana para manter a saúde da pele e a beleza do pelo. (*FOLHA DE S. PAULO*, 4 abr. 2022)

- c) Verbo na forma pronominal com complemento indireto (VTDpI)

“E não podemos **nos esquecer** da direção (de veículos).” (*O TEMPO*, 16 nov. 2021)

Discutindo os resultados, podemos dizer que ambas as formas verbais foram aproximadamente frequentes no *corpus* analisado; no entanto, destacamos a relativa preferência pela forma simples, com 10 ocorrências, em detrimento da pronominal, com 7 – a saber, a mais utilizada pela *Folha*. No que concerne ao uso de regência, verificamos 88,2% conformes aos registros de Celso Luft (2008) e de Cunha e Cintra (2017), como vimos no subtópico 3.2.1. Desse modo, são inovadoras as 2 ocorrências do verbo na forma simples com complemento indireto (VTI) – ou seja, *esquecer de* –, o que corresponde a 11,7% de inadequação às normas.

Tabela 4 – Total de ocorrência de *lembrar(-se)* no *corpus* do século XXI

FORMAS VERBAIS	JORNAIS					
	Folha		O Globo		O Tempo	
	qnt	%	qnt	%	qnt	%
lembrar (VTD)	13	46,4%	6	60%	10	71,4%
lembrar-se Ø (VTDp)	-	-	-	-	1	7,1%
lembrar-se de (VTDpI)	3	10,7%	-	-	-	-
lembrar de (VTI)	1	3,5%	1	10%	-	-
lembrar(-se) empregado com outras acepções	3	10,7%	-	-	-	-
lembrar(-se) empregado sem complemento explícito	3	10,7%	-	-	1	7,1%
lembrar(-se) empregado na 3ª pessoa	-	-	-	-	-	-
lembrar(-se) empregado na forma nominal	5	17,8%	3	30%	2	14,2%
lembrar(-se) empregado na voz passiva	-	-	-	-	-	-
TOTAL	28	100%	10	100%	14	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Como é possível perceber na **Tabela 4**, localizamos um total de 52 ocorrências do verbo *lembrar(-se)*. Dessas, foram excluídas 17 (32,6%) da análise pelos seguintes motivos:

- a) O verbo foi empregado com outras acepções (neste caso, com a de *sugerir, parecer com*), como em:

Luzes no palco que, guardadas as proporções, **lembram** um show do Alok e o pique da banda chamam a atenção. Eles praticamente não fazem pausas e emendam uma música na outra. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022).

- b) O verbo foi empregado sem complemento explícito:

“Quando **lembro**, tenho sensação de nojo.” (*O TEMPO*, 11 nov. 2021)

- c) O verbo foi empregado na forma nominal (neste caso, no particípio):

“Precisa, sim, ser **lembrado**, mas como a ruptura que foi, para que não seja repetido na nossa democracia.” (*O GLOBO*, 1 abr. 2022)

Dessa forma, das 52 ocorrências, analisamos 35 (ou seja, 67,3% do *corpus* total), nas quais *lembrar(-se)*, obedecendo aos já referidos critérios, foi empregado das seguintes maneiras:

- a) Verbo na forma simples com complemento direto (VTD):

“No país, o especialista **lembrou** que o transporte público acontece principalmente por ônibus, já que são sistemas mais baratos para a implantação, diferentemente do metrô, que tem maior capacidade e é considerado mais rápido.” (*O TEMPO*, 16 nov. 2021)

- b) Verbo na forma simples com complemento indireto (VTI):

“A Comlurb agradece aos garis que, em sua maioria, estão nas ruas trabalhando e **lembra da importância** para a cidade do Rio do retorno ao serviço daqueles que aderiram à greve ilegal.” (*O GLOBO*, 4 abr. 2022)

c) Verbo na forma pronominal com complemento indireto ausente (VTDp):

“A adolescente disse que a última vez que foi estuprada foi há cerca de 20 dias e que não **se lembrava qual dos dois suspeitos tinham cometido o crime.**” (*O TEMPO*, 19 nov. 2021)

d) Verbo na forma pronominal com complemento indireto (VTDpI):

“O que mata a gente é o fanatismo e a cegueira. Deixou de entender o povão, já era”. **Lembra-se disso, caro leitor?**” (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022)

A respeito de tudo o que foi apresentado até o momento, observamos que, assim como ocorreu com *esquecer(-se)*, mas em maior escala, a forma simples de *lembrar(-se)* foi a mais utilizada. Dela registramos ao todo 31 ocorrências (88,5% do *corpus* analisado), enquanto que da forma pronominal, 4 ocorrências (11,4%), tendo sido 3 empregadas pela *Folha*. Quanto ao uso de regência, conforme os manuais consultados, verificamos 91,4% de adequação às prescrições, sendo as duas ocorrências de VTI (*lembrar de*) e a única de VTDp (*lembrar-se* Ø) as formas inovadoras nesses jornais contemporâneos. Ao fim, o que percebemos é que, das variantes não padrão, a mais frequente no *corpus* de língua do século XXI foi a forma simples com complemento indireto (VTI), o que se aplicou a ambos os verbos em estudo.

5.3 Análise comparativa do uso de regência dos verbos *esquecer(-se)* e *lembrar(-se)* em ambas as sincronias

Como temos percebido ao longo dos subtópicos anteriores, ainda que os manuais de consulta tradicional apontem para a aproximação sintática de que compartilham os verbos *esquecer(-se)* e *lembrar(-se)*, não deixamos de observar um certo distanciamento entre eles no que diz respeito ao seu uso, assim como verificaram Marques (2006) e Santos (2021). Podemos começar a notar isso na divergência de dados coletados nas notícias de ambas as sincronias, por exemplo:

Tabela 5 – Total de ocorrência dos verbos em ambas as sincronias

VERBOS	SÉCULOS	
	XIX	XXI
esquecer(-se)	15	18
lembrar(-se)	41	52

Fonte: dados da pesquisa.

Isso, em outras palavras, mostra que os falantes (ou melhor, os redatores) têm preferido ainda mais o verbo *lembrar(-se)* a *esquecer(-se)*, nos *corpora* utilizados. Diante dessa discrepância, conjecturamos a possibilidade de as estruturas em que o adjunto adverbial de negação estivesse caracterizando o verbo *lembrar(-se)* terem se sobressaído ao uso de *esquecer(-se)*, o que por consequência também nos fez cogitar que este pudesse ter um peso semântico ainda mais negativo. Ao fim, vimos que isso não se configurou – ao menos, não neste estudo –, já que essas construções compuseram apenas 5,7% do *corpus* total de língua do século XIX e 38,8% do *corpus* de língua do século XXI. Contudo, como dissemos anteriormente, ainda verificamos a necessidade de futuras pesquisas deterem-se ao valor semântico de ambos os verbos, a fim de conferirem se isso impacta a escolha de um a outro, além de avaliarem em outros *corpora* se o *esquecer(-se)* de fato vem sendo menos usado que seu par no PB.

No que concerne à forma dos verbos, também vimos o seguinte nos *corpora* analisados:

Tabela 6 – Relação do emprego de *esquecer(-se)* em ambas as sincronias

FORMAS VERBAIS	SÉCULOS	
	XIX	XXI
esquecer (VTD)	4	8
esquecer-se Ó (VTDp)	-	-
esquecer-se de (VTDpI)	4	7
esquecer de (VTI)	-	2
TOTAL	8	17

Fonte: dados da pesquisa.

Tabela 7 – Relação do emprego de *lembrar(-se)* em ambas as sincronias

FORMAS VERBAIS	SÉCULOS	
	XIX	XXI
lembrar (VTD)	-	29
lembrar-se Ó (VTDp)	6	1
lembrar-se de (VTDpI)	21	3
lembrar de (VTI)	-	2
TOTAL	27	35

Fonte: dados da pesquisa.

A partir disso, percebemos que, n’*O Universal*, o verbo *esquecer(-se)* foi igualmente usado em ambas as formas, que, por sinal, são aceitas pelos manuais da sincronia pretérita; o *lembrar(-se)*, por seu turno, foi apenas empregado na forma pronominal – aparentemente, a única reconhecida como padrão naquele período. Quanto aos jornais contemporâneos, verificamos que, para o *esquecer(-se)*, mais uma vez ambas as formas verbais estiveram aproximadamente frequentes no *corpus* analisado, tendo se destacado um pouco mais a forma simples – ou seja, o *esquecer* –, especialmente quando comparamos seu uso ao longo do

tempo. Contudo, para o seu par, localizamos uma grandíssima preferência pela forma simples – isto é, por *lembrar* –, ao contrário dos resultados de Marques (2006), por exemplo, e do que ocorreu n’*O Universal*, como vimos.

Agora, abordando o uso de regência, na sincronia pretérita verificamos 100% de adequação às normas para o *esquecer(-se)* e 77,7% para o *lembrar(-se)*, cuja forma inadequada foi apenas o uso de VTDp (*lembrar-se Ó*), conforme Brandão (1888) e Brandão (1963). Nesse sentido, podemos pensar que essa e a forma simples – ou seja, VTD (*lembrar*), VTI (*lembrar de*) – fossem as variantes inovadoras e estigmatizadas daquele período. Na sincronia contemporânea, por outro lado, localizamos 88,2% de adequação no uso de *esquecer(-se)* – tendo sido as 2 ocorrências de VTI (*esquecer de*) as inovadoras da vez – e 91,4% no de *lembrar(-se)*, cujas inadequações dizem respeito às duas ocorrências de VTI (*lembrar de*) e à única de VTDp (*lembrar-se Ó*).

Ao fim, o que podemos perceber é que, conforme esperávamos, tendo em vista o contexto de produção e a pressão exercida pela escrita, os desvios às prescrições não foram tão significativos para que pudéssemos localizar alguma mudança. No entanto, merece destaque o fato de que as formas não padrão estiveram presentes, ainda que minimamente, nas notícias de ambos os períodos, já que esse é um gênero textual escrito cujo domínio discursivo se mostra ser mais vigilante quanto à linguagem usada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, tivemos como objetivo geral fazer um breve estudo diacrônico da(s) regência(s) dos verbos *esquecer(-se)* e *lembrar(-se)*, em notícias dos jornais *O Universal* (1825), *O Tempo* (2021), *Folha de S. Paulo* (2022) e *O Globo* (2022), o que julgamos ter sido executado, tendo em vista também os limites que nos impõe este trabalho. Contudo, antes de apresentarmos o resultado da análise, recapitulemos o percurso pelo qual passamos nesta pesquisa, a fim de conseguirmos responder com propriedade às questões levantadas na Introdução desta Monografia.

Como foi possível perceber, de um lado, revisitamos o século XIX por meio das gramáticas de Thomaz Brandão (1888) e de Cláudio Brandão (1963); de outro, para lidarmos com a sincronia contemporânea, verificamos as gramáticas de Celso Luft (2008) e de Cunha e Cintra (2017). No subtópico 3.2.1, ao termos traçado um comparativo entre as regras prescritas para o uso da regência desses verbos nos períodos aqui estudados, não encontramos alterações em um nível semântico, mas sintático, já que a forma simples com complemento direto do verbo *lembrar(-se)* – ou seja, o *lembrar* – ainda não estava registrada nas gramáticas da sincronia pretérita. Aliás, encontramos em Ribeiro (1923) que esse uso era considerado *gallicismo*, o que recomendamos que seja objeto de investigação de outras pesquisas.

Considerado isso, teçamos agora os comentários finais a respeito da análise de dados, com o propósito de concluirmos se em ambos os períodos o uso das regências esteve ou não consoante ao que preconizavam os gramáticos contemporâneos a eles. De maneira geral, nos *corpora* utilizados, vimos que, ao longo do tempo, a forma simples de ambos os verbos foi preferida pelos falantes, especialmente a do *lembrar(-se)*, o que surpreendentemente divergiu dos resultados encontrados por Marques (2006) e alinhou-se aos de Santos (2021).

Ainda no que diz respeito às formas, concluímos também que ambos os verbos foram predominantemente empregados com os complementos previstos nos manuais de consulta tradicional, conforme desde o início esperávamos. Isso, de outro modo, significa dizer que o uso das regências não esteve completamente de acordo com o que preconizavam os gramáticos contemporâneos a eles, mas que o resultado se mostrou bastante contido – possivelmente, devido às restrições da modalidade escrita, que tem como condição o registro mais formal da língua, e do jornal enquanto suporte conservador.

Quanto à possibilidade de mudança de regência, naturalmente, ainda não podemos afirmar isso de maneira categórica, sobretudo porque lidamos apenas com uma parte do

português falado no Brasil de épocas distintas. No entanto, podemos promover algumas reflexões sobre o que os dados desta pesquisa e as prescrições a que tivemos acesso indiciam. Primeiro, considerando as restrições de ambos os períodos, o que sabemos é que construções em que esses verbos estivessem empregados como VTI ou VTDp eram e ainda são consideradas *viciosas* (CUNHA e CINTRA, 2017) – ou então, correspondem a *brasileirismos* (CELSO LUFT, 2008) – e, como sabemos, podem adentrar a modalidade escrita da língua de maneira bastante gradativa. A exemplo disso, citamos a forma simples do verbo *lembrar(-se)* com complemento direto (VTD) que antes parecia ser considerada uma variante não padrão – segundo os manuais consultados – e lentamente foi-se achegando nos usos diários, sendo adotada por escritores renomados, até se tornar reconhecida como padrão. Nesta pesquisa, o efeito disso é a grande preferência por essa forma nos jornais contemporâneos.

Aliado a isso, sobre *esquecer(-se)*, trazemos novamente à discussão a hipótese de Santos (2021, p. 887): “[...] o verbo “esquecer(se)” está em um ponto mais avançado do processo [de aparente mudança em progresso]: suas formas pronominais passaram a ser abandonadas antes que as formas pronominais do verbo “lembrar(-se)”. Relembramos isso porque acreditamos termos nos aproximado de uma confirmação quando percebemos que a forma simples desse verbo já estava registrada nos manuais do século XIX, enquanto a do *lembrar(-se)* não. Em nossos dados, isso, por outro lado, confirmou-se em menor escala, porém não apaga o fato de que houve uma breve expansão dessa forma nos jornais contemporâneos.

Desse modo, por fim, o que concluímos é que, ao revisitarmos o passado e ampliarmos o *corpus* de língua da sincronia contemporânea, localizamos, ainda que minimamente, um indicativo de mudança na regência do verbo *lembrar(-se)*, que no decorrer do tempo teve sua forma simples reconhecida nas gramáticas contemporâneas. Quanto aos resultados de *esquecer(-se)*, podemos dizer que, embora não tenham sido tão significativos como os de Marques (2006) e de Santos (2021), nossos achados indicaram, ainda assim, uma certa preferência pela forma simples, assim como para *lembrar(-se)*. Isso, em outras palavras, significa dizer que, nestes *corpora*, de modo geral, há uma tendência à supressão do pronome. Quanto às regências inadequadas às prescrições (ou seja, os VTI e VTDp), embora ocorrentes em ambos os períodos analisados, reafirmamos que isso ainda não aponta necessariamente para uma mudança, pois o resultado foi bastante contido – além disso, como sabemos, nem toda variação implica mudança, mas toda mudança resulta da variação (FARACO, 1997, p.

23). Ao fim, o que nos resta é a expectativa do que esses usos poderão um dia significar na língua.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, W. de J.; NOGUEIRA, S. M. **Língua Portuguesa: Syntaxe e Construção da Língua Portuguesa**, de Thomaz da Silva Brandão, em uma perspectiva historiográfica. 2012. [06] p. (Apresentação de Trabalho/Congresso). Disponível em: http://www.ippucsp.org.br/downloads/anais_15_congresso/sonia-maria-nogueira-e-wemyllados-santos.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.
- ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Jornais Mineiros: O Universal. **Sistema Integrado de Acesso do APM (SIAAPM)**. Belo Horizonte, [19-?]. Acervo. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/jornais/search.php?query=&andor=AND&tipo_nome=1&text_nome=O&titulo=2&num_edicao=&dtini1=1825&dtini2=1825&tipo_nome_local=1&text_nome_local=A&local_edicao=0&ordenar=30&asc_desc=10&submit=Executar+pesquisa&action=results&id_REQUEST=ec20dedda1ff9f899f2abdcc48a7165e. Acesso em: 5 mai. 2021.
- AZEVEDO, D. Reação a Will Smith prova que a corte não tolera erro de negros. **Folha UOL**, São Paulo, 5 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/quadro-negro/2022/04/reacao-a-will-smith-prova-que-a-corte-nao-tolera-erro-de-negros.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.
- BALESTRERI, R. Arma de fogo, só em último caso. **O GLOBO**, São Paulo, 5 abr. 2022. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/opiniaopost/arma-de-fogo-so-em-ultimo-caso.html>. Acesso em: 6 abr. 2022.
- BARBON, J. Lei do ‘stalking’ completa 1 ano e começa a refletir em tribunais. **Folha UOL**, São Paulo, 4 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/lei-do-stalking-completa-1-ano-e-comeca-a-refletir-em-tribunais.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. [573] p.
- BELINE, R. Variação linguística. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística: I**. objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002. p. 121-140.
- BERGAMO, M. Abilio Diniz diverge de ex-banqueiro ligado a Lula em jantar de Gleisi com empresários. **Folha UOL**, São Paulo, 5 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/04/jantar-de-gleisi-com-empresarios-expoe-divergencias-entre-setor-e-o-pt.shtml>. Acesso em: 5 abr. 2022.
- BERNARDI, T. Uma carne infinita é a visão dos loucos. **Folha UOL**, São Paulo, 4 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatibernardi/2022/04/uma-carne-infinita-e-a-visao-dos-loucos.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.
- BORGES, P. R. S.; KELLER, T. Proposta metodológica de descrição e análise de fenômenos variáveis em textos históricos na perspectiva da Sociolinguística Histórica. **Letras**, Santa Maria, v. 30, n. 60, p. 51-75, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148542608>. Acesso em: 15 ago. 2021.

BRANDÃO, T. S. **Syntaxe e construção da lingua portugueza**. Rio de Janeiro: Typ. D. Antonio José Gomes Brandão, 1888.

BRANDÃO, C. **Syntaxe Clássica Portuguêsa**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

BRASILEIRO, A. M. M. Capítulo 3: Dimensão Metodológica do Texto Científico. In: _____. **Manual de produções de textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Atlas, 2016. p. 41-53.

CAMILO, J. V. Em teste, ônibus elétrico rodará por um mês nas ruas de BH a partir desta sexta. **O Tempo**, Contagem, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/em-teste-onibus-eletrico-rodara-por-um-mes-nas-ruas-de-bh-a-partir-desta-sexta-1.2568781>. Acesso em: 23 nov. 2021.

CAMILO, J. V.; RODRIGUES, G. Variante delta é encontrada em 100% das amostras da Covid em Minas desde outubro. **O Tempo**, Contagem, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/variante-delta-e-encontrada-em-100-das-amostras-da-covid-em-minas-desde-outubro-1.2568695>. Acesso em: 23 nov. 2021.

CAPA Folha de S.Paulo. **Ver Capas**. 26 ago. 2022. Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/o-globo/2022-08-26/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

CAPA O Globo. **Ver Capas**. 26 ago. 2022. Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/folha-de-s-paulo/2022-08-26/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

CAPA O Tempo. **Ver Capas**. 26 ago. 2022. Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/o-tempo/2022-08-26/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

CERQUEIRA, M. Forças democráticas devem se unir contra Bolsonaro. **O GLOBO**, São Paulo, 6 abr. 2022. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/forcas-democraticas-devem-se-unir-contra-bolsonaro.html>. Acesso em: 6 abr. 2022.

CONFIRA o que levar para as provas do Enem. **O Tempo**, Contagem, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/confira-o-que-levar-para-as-provas-do-enem-1.2570433>. Acesso em: 16 nov. 2021.

COUTINHO, E. Quais são os jornais de maior circulação no Brasil? Casa dos Focas, São Paulo, 5 jul. 2013. Disponível em: <https://www.casadosfocas.com.br/quais-sao-os-jornais-de-maior-circulacao-no-brasil/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CUNHA, A. F. da; COSTA, M. A; MARTELOTTA, M. E. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 15-29.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DIAS, P. Mulheres contam como se descobriram lésbicas após os 30 anos, as 'late-blooming-lesbians'. **O GLOBO**, São Paulo, 3 abr. 2022. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/mulheres-contam-como-se-descobriram-lesbicas-apos-os-30-anos-as-late-blooming-lesbians-25459558>. Acesso em: 6 abr. 2022.

DIAS, P.; ALFANO, B. ‘Eu rezava para ser branco’: discriminação e ofensas na escola são 1ª experiência que pessoas negras têm com racismo, dizem pesquisadores. **O GLOBO**, São Paulo, 22 mar. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/eu-rezava-para-ser-branco-discriminacao-ofensas-na-escola-sao-1-experiencia-que-pessoas-negras-tem-com-racismo-dizem-pesquisadores-25442723>. Acesso em: 6 abr. 2022.

DIAS, P. E. Doze anos após crime, filho localiza o suspeito de matar o pai. **Folha UOL**, São Paulo, 1 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/doze-anos-apos-crime-filho-localiza-o-suspeito-de-matar-o-pai.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

DUVIVIER, G. O penetra é, antes de tudo, um forte. **Folha UOL**, São Paulo, 5 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduivier/2022/04/o-penetra-e-antes-de-tudo-um-forte.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

EDITORIAL. São absurdos os aumentos ao funcionalismo. **O GLOBO**, São Paulo, 4 abr. 2022. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/opiniaopost/sao-absurdos-os-aumentos-ao-funcionalismo.html>. Acesso em: 6 abr. 2022.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

FARACO, C. A. O Brasil entre a norma culta e a norma curta. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 250-275.

FINCHELSTEIN, F. O problema das analogias simplificadas. **Folha UOL**, São Paulo, 5 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/latinoamerica21/2022/04/o-problema-das-analogias-simplificadas.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

GOMES, L. Marília Mendonça: Árbitro mineiro da Série A faz tatuagem em homenagem à cantora. **O Tempo**, Contagem, 12 nov. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/marilia-mendonca-arbitro-mineiro-da-serie-a-faz-tatuagem-em-homenagem-a-cantora-1.2568768>. Acesso em: 23 nov. 2021.

HADDAD, N. Museu do Ipiranga conclui restauração do edifício histórico. **Folha UOL**, São Paulo, 5 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/museu-do-ipuranga-conclui-restauracao-do-edificio-historico.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

HISTÓRIA da Folha. **Folha UOL**, São Paulo, [199-?]. História da Folha. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4. Acesso em: 10 mai. 2022

JORGE, M. P. O Índice Bacio di Latte. **Folha UOL**, São Paulo, 5 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2022/04/o-indice-baccio-di-latte.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

LINHA do Tempo. **Memória O Globo**. Rio de Janeiro, [2013?]. Linha do Tempo. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/>. Acesso em: 13 jun. 2022

LUFT, C. P. **Dicionário prático de regência verbal**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.

LUFT, C. P. **Gramática resumida: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira**. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

MALTA, H. Pandemia reduz em mais de 50% as cirurgias de catarata em Minas. **O Tempo**, Contagem, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/pandemia-reduz-em-mais-de-50-as-cirurgias-de-atarata-em-minas-1.2570317>. Acesso em: 16 nov. 2021.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais no ensino de língua. In: _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 147-224.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARQUES, R. A. **O padrão culto escrito em uso no Brasil em gêneros textuais do domínio jornalístico**. 2010. 231 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-896QUT/1/1229d.pdf>. Acesso em: 7 set. 2022.

MARQUES, V. C. **Um estudo de regência verbal na primeira metade do século XX: a tensão entre prescrição normativa e uso real**. 2006. 318 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93974/marques_vc_me_ararafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 25 jul. 2021.

MARRA, L. Qual a frequência ideal para tosar o cachorro? Tire dúvidas e veja tipos de corte. **Folha UOL**, São Paulo, 4 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/bom-para-cachorro/2022/04/qual-a-frequencia-ideal-para-tosar-o-cachorro-tire-duvidas-e-veja-tipos-de-corte.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

MENDES, J. F. **O “silêncio” das Gerais: o nascimento tardio e a lenta consolidação dos jornais mineiros**. 2007. 212 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/794/1/Jairo%20Faria%20Mendes.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

MENDES, S. T. do P. **A ausência de artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?** 2000. 205 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2000.

MENEZES, B. Mulher que morreu atacada em ônibus em Contagem era enfermeira e ia trabalhar. **O Tempo**, Contagem, 12 nov. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/mulher-que-morreu-atacada-em-onibus-em-contagem-era-enfermeira-e-ia-trabalhar-1.2569258>. Acesso em: 23 nov. 2021.

MENON, I. Desc Blocos de Carnaval podem desfilar em SP se bancarem infraestrutura, diz prefeito. **Folha UOL**, São Paulo, 5 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/blocos-de-carnaval-podem-desfilar-em-sp-se-bancarem-infraestrutura-diz-prefeito.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

MENON, I. Descontentes com apps, passageiros optam por táxi em São Paulo. **Folha UOL**, São Paulo, 3 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/descontentes-com-apps-passageiros-optam-por-taxi-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

MENON, I. Na Amazônia, mulheres são mais escolarizadas que homens, mas sofrem com desemprego. **Folha UOL**, São Paulo, 4 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/na-amazonia-mulheres-sao-mais-escolarizadas-que-homens-mas-sofrem-com-desemprego.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

MENON, I. Sem apoio da prefeitura, blocos de SP anunciam intenção de desfilar no feriado de Tiradentes. **Folha UOL**, São Paulo, 4 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/sem-apoio-da-prefeitura-blocos-de-sp-anunciam-intencao-de-desfilar-no-tiradentes.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

MORAIS, L. 59% dos mineiros que não têm veículo querem comprar um. **O Tempo**, Contagem, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/59-dos-mineiros-que-nao-tem-veiculo-querem-comprar-um-1.2569395>. Acesso em: 16 nov. 2021.

MORAIS, L. Carnaval em Minas: Zema critica possível omissão das prefeituras com o evento. **O Tempo**, Contagem, 23 nov. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/carnaval-em-minas-zema-critica-possivel-omissao-das-prefeituras-com-o-evento-1.2573742>. Acesso em: 23 nov. 2021.

MORAIS, L. Metade da população se desloca de transporte público ou carro. **O Tempo**, Contagem, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/metade-da-populacao-se-desloca-de-transporte-publico-ou-carro-1.2569403>. Acesso em: 16 nov. 2021.

NEGRISOLI, L. Morre sr. Guido, o maior afinador de pianos de BH: ‘ele era uma obra de arte’. **O Tempo**, Contagem, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/retratos/morre-sr-guido-o-maior-afinador-de-pianos-de-bh-ele-era-uma-obra-de-arte-1.2570769>. Acesso em: 23 nov. 2021.

NERY, H. Lixo transformado em energia. **O GLOBO**, São Paulo, 1 abr. 2022. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/lixo-transformado-em-energia.html>. Acesso em: 6 abr. 2022.

NOCCIOLI, C. A. M.; CARVAS, G. M. A. Gramática: ensino da disciplina metalinguística na cultura ocidental brasileira. **História da Ciência e Ensino**: Construindo Interfaces. São

Paulo, v. 2, p. 598-609, 2019. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/hcensino/article/view/44839>. Acesso em: 13 set. 2022.

O TEMPO e Super Notícia representam 90% do mercado de jornais em Minas. **O Tempo**, Contagem, 27 jun. 2019. Economia. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/economia/o-tempo-e-super-noticia-representam-90-do-mercado-de-jornais-em-minas-1.2201444>. Acesso em: 10 ago. 2021.

OLIVEIRA, F. Democracia brasileira está fragilizada. **O GLOBO**, São Paulo, 1 abr. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniaoflavia-oliveira/post/2022/04/democracia-brasileira-esta-fragilizada.ghtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

OLIVEIRA, N. MG: Menina é socorrida após tentar se matar e conta que era estuprada por 8 anos. **O Tempo**, Contagem, 19 nov. 2021. Disponível em:
<https://www.otempo.com.br/cidades/mg-menina-e-socorrida-apos-tentar-se-matar-e-conta-que-era-estuprada-por-8-anos-1.2572314>. Acesso em: 23 nov. 2021.

OLIVEIRA, T. M. de. **A concordância verbal em estruturas partitivas**: passado e presente. 2021. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana. 2021. Disponível em:
<https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/14602>. Acesso em: 17 out. 2022.

REZENDE, C.; NOGUEIRA, I. Empresa ligada a secretário do governo Bolsonaro atuou em convênio com Sheik. **Folha UOL**, São Paulo, 6 abr. 2022. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/04/empresa-ligada-a-secretario-do-governo-bolsonaro-atuou-em-convenio-com-sheik.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

REZENDE, C.; NOGUEIRA, I. Governo Bolsonaro autoriza verba a ‘ONGs de prateleira’ de Sheik e Daniel Alves. **Folha UOL**, São Paulo, 5 abr. 2022. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/04/governo-bolsonaro-autoriza-verba-a-ongs-de-prateleira-de-sheik-e-daniel-alves.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

REZENDE, I. N. de. “O Universal”: um jornal mineiro no tempo da Regência (1825-1842). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. **Anais do XXV Simpósio Nacional de História** – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772191_463dd3bd9684644d8881a3d41b3581dd.pdf. Acesso em 7 set. 2022.

RIBEIRO, J. **Grammatica Portugueza**. 20. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923. p. 247-251.

RIBEIRO, M. Contas de água e luz vieram muito altas? Saiba o que fazer. **Folha UOL**, São Paulo, 1 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/contas-de-agua-e-luz-vieram-muito-altas-saiba-o-que-fazer.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

RICHMOND, K. Ganhadores da Mega-Sena ‘deixam vazio’ em comércio perto de empresa em Santos. **Folha UOL**, São Paulo, 5 abr. 2022. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/ganhadores-da-mega-sena-deixam-vazio-em-comercio-em-santos.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSA, E. da. Sociolinguística Histórica. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 17, n. 21, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/3178/2560>. Acesso em: 25 jul. 2021.

SANTOS, K. R. C. dos. Os verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)”: um estudo variacionista. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 870-892, jul. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v50i2.3081>. Acesso em: 13 ago. 2021.

SEABRA, C. P. Gleisi acena para o mercado e Lula chama elite de escravista. **Folha UOL**, São Paulo, 5 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/04/gleisi-acena-para-o-mercado-e-lula-chama-elite-de-escravista.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

SINDICATO recorre de decisão que considera greve dos garis abusiva e processo ainda aguarda julgamento no TRT. **O GLOBO**, São Paulo, 4 abr. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/sindicato-recorre-de-decisao-que-considera-greve-dos-garis-abusiva-processo-ainda-aguarda-julgamento-no-trt-25461979>. Acesso em: 6 abr. 2022.

SOUSA, M. C. P. de. Lingüística Histórica. In: CLAUDIA P.; NUNES, J. H. (org.). **Introdução às Ciências das Linguagem**: Língua, Sociedade e Conhecimento. 1. ed. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-48. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4533668/mod_label/intro/PAIXAOdeSOUSA_LinguisticaHistorica.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

SUPER Notícia é o jornal impresso mais vendido do Brasil. **O Tempo**, Contagem, 5 set. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/super-noticia-e-o-jornal-impresso-mais-vendido-do-brasil-1.2381219>. Acesso em: 10 ago. 2021.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

TOLEDO, M. Capitólio (MG) reabre cânions com poucos turistas, mas projeta melhora para feriados. **Folha UOL**, São Paulo, 4 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/capitolio-mg-reabre-canions-com-poucos-turistas-e-lanchas-paradas.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

‘UM LUGAR ao Sol’: Acompanhe aqui todos resumos, notícias e bastidores da novela. **Folha UOL**, São Paulo, 18 mar. 2022. Disponível em: <https://aovivo.folha.uol.com.br/f5/2021/10/11/6081-um-lugar-ao-sol-acompanhe-aqui-todos-resumos-noticias-e-bastidores-da-novela.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Sistema de Bibliotecas e Informação. **Guia para normalização de trabalhos acadêmicos**. Ouro Preto, 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/>. Acesso em: 15 out. 2022.

WAINER, J. Distinguir piada de notícia ficou cada vez mais difícil no governo Bolsonaro. **Folha UOL**, São Paulo, 04 abr. 2022. Disponível em:

[https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joao-wainer/2022/04/distinguir-piada-de-noticia-
ficou-cada-vez-mais-dificil-no-governo-bolsonaro.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joao-wainer/2022/04/distinguir-piada-de-noticia-ficou-cada-vez-mais-dificil-no-governo-bolsonaro.shtml). Acesso em: 6 abr. 2022.

APÊNDICE A – *Corpus de língua do século XIX*

Esquecer(-se)

1. Esta distribuição de classes se deve levar a tal ponto de exactidão, que, se hum menino, depois de ter passado para huma classe superior, se **esquece** do que aprendeo na inferior, he preciso torna-lo a passar para-a classe de que tinha sahido [...]. (*UNIVERSAL*, 1825, 5. ed., p. 20);
2. Combatemos amanhã em vosso favor, e as nossas acclamações vos acompanharião, se por huma metamorphose inesperada marchasseis em sentido contrario e podesseis fazer **esquecer**, quão poucas garantias o vosso passado offerece ao futuro. (*UNIVERSAL*, 1825, 10. ed., p. 39);
3. O — Star — acaba dizendo, que hum arranjo amigavel que faça **esquecer** os dissabores existentes e suas antigas, e mais importantes possessões Coloniaes não poderia jámais encontrar difficuldade alguma [...]. (*UNIVERSAL*, 1825, 11. ed., p. 42);
4. [...] he elle que tendo soffrido os maiores males delles **se esquece** para pensar só no bem publico. (*UNIVERSAL*, 1825, 35. ed., p. 140);
5. [...] o que não consiste sómente em confiar aos outros cousas que nos possão ser prejudiciaes, mas em não abusar das alheias; que sendo cousas indifferentes, devemos logo **esquece**-las [...]. (*UNIVERSAL*, 1825, 43. ed., p. 172);
6. Melhor seria **esquecer** para sempre humas crueldades, que a Religião, em cujo nome se fazião, jámais podia approvar. (*UNIVERSAL*, 1825, 45. ed., p. 179);
7. Tão amante da sua Patria como **se esquece** dos seus males? (*UNIVERSAL*, 1825, 50. ed., p. 199);
8. Este honrado Mineiro, que tanto tem viajado, e que ajunta grande patriotismo á muitas luzes, não **se esquecerá** da sua Patria, que o perverso Paraopebano pertende reduzir a Feitoria Inglezas. (*UNIVERSAL*, 1825, 63. ed., p. 252).

Lembrar(-se)

1. [...] não de certo; pois então heide fallar, e heide escrever, porque penso, que o Conselho se ha de accommodar co'migo, e **lembrar-se**, de que he a sua principal attribuição proteger a liberdade da Imprensa. (*UNIVERSAL*, 1825, 9. ed., p. 33);
2. [...] **lembre-se** da mudança de circumstancias, e encolha-se. (*UNIVERSAL*, 1825, 18. ed., p. 70);
3. Ah! ingrato ah! perverso Paraopebano não **te lembras** ao menos, de que o Auctor desta Lei foi o teu bem feitor, foi quem do nada te tirou, nao prevendo sem duvida, que virias a ser hum dia alem de ingrato jurado inimigo da prosperidade da tua mesma Patria! (*UNIVERSAL*, 1825, 19. ed., p. 75);
4. Mas a verdade he, que este Desembargador não aprecia esta propriedade, pois no Diário do Conselho N.º 3.º indica a necessidade, que há de huma Imprensa Nacional no Ouro Preto, como há em quasi todas as Provincias, e **lembra**, que se peça a S. M. o Imperador. (*UNIVERSAL*, 1825, 23. ed., p. 90);
5. Assim os Comerciantes Francezes sahirão do receio em que estavam sobre as garantias de sua segurança individual, e depois das medidas tomadas pelo Almirante, não terão para o futuro motivos, que os fação **lembrar** com horror das escandalosas, e barbaras Vesperas Sicilianas; epoca, que cobrira de sangue, de vergonha, e deshonra os fastos da Sicilia. (*UNIVERSAL*, 1825, 24. ed., p. 95);

6. Animo, não sois tão fraco, que em vós possam fazer brecha os ardís humanos, e quando estes excedessem ás vossas forças, devieis **lembrar-vos** da grande estima, que de vós faz nosso Amo, que em hum fechar de olhos pode encher a terra de milhares de Legiões de Diabos, que vinguem qualquer offensa, que vos tenham feito. (*UNIVERSAL*, 1825, 24. ed., p. 92);
7. He no ministerio do Marquez de Cleremont-Touerre ajudante de campo do Rei José Napoleão, e que tinha o gráo de Coronel no antigo exercito (do que o General Foy o fez **lembrar** na tribuna, há trez anno) que se acaba de adoptar huma medida bem differente, que segundo a energica expressão do mesmo orador *anniquillou-se a vida de tantos bravos*. (*UNIVERSAL*, 1825, 31. ed., p. 122);
8. Quem **se** não **lembrará** com ternura e dissabor desta época tão brilhante e tão curta; em que os partidos admirados experimentavão ao mesmo tempo os mesmos sentimentos, em que os corações, desunidos havia tanto tempo, palpitavão com o mesmo enthusiasmo! (*UNIVERSAL*, 1825, 35. ed., p. 138);
9. Para que te não **lembras** do Cap.^m Mór Stokler, que recebe sem o minimo trabalho o ordenado de quatro mil cruzados? (*UNIVERSAL*, 1825, 41. ed., p. 162);
10. Que mais precisamos nós, do que **lembrar-nos**, que as nossas luzes, as nossas artes, a nossa literatura, e as nossas sciencias, tudo nos vem da Grecia; não basta que digamos a nós mesmos? (*UNIVERSAL*, 1825, 41. ed., p. 163);
11. [...] finalmente Sr. Redactor **lembre-se**, só que a maior desgraça, e decadencia que oprime, e não deixa florescer o nosso Brasil he semelhante genero [...]. (*UNIVERSAL*, 1825, 45. ed., p. 178);
12. [...] faça uma boa dissertação sobre este objecto, e **lembre-se** de hum tributo em semelhante genero que o ponha no preço da agoardente do Reino [...]. (*UNIVERSAL*, 1825, 45. ed., p. 178);
13. N. B. **Lembre-se** de hum confisco no Engenheiro que extraviar a agoardente de cana sem pagar o tributo, lembre-se de huma devaça todos os annos ex-officio sobre os Engenheiros que a extraviarem ou lembre-se de outro qualquer meio que os contenha. (*UNIVERSAL*, 1825, 45. ed., p. 178);
14. N. B. Lembre-se de hum confisco no Engenheiro que extraviar a agoardente de cana sem pagar o tributo, **lembre-se** de huma devaça todos os annos ex-officio sobre os Engenheiros que a extraviarem ou lembre-se de outro qualquer meio que os contenha. (*UNIVERSAL*, 1825, 45. ed., p. 178);
15. N. B. Lembre-se de hum confisco no Engenheiro que extraviar a agoardente de cana sem pagar o tributo, lembre-se de huma devaça todos os annos ex-officio sobre os Engenheiros que a extraviarem ou **lembre-se** de outro qualquer meio que os contenha. (*UNIVERSAL*, 1825, 45. ed., p. 178);
16. O Auctor porém **se** não **lembrou** desta especie, nem de combater este abuso tão prejudicial, e infelizmente tão commum. (*UNIVERSAL*, 1825, 46. ed., p. 182);
17. Não **se lembrou** tãoobem o Auctor de mal tão frequente. (*UNIVERSAL*, 1825, 47. ed., p. 188);
18. E para que o Publico instruido possa fazer idéa de huma fonte tão extraordinaria, **me lembrei** transmittir a V. m. os Apontamentos, que minutei por occasião do ensaio analytico, a que procedi há annos, e por vezes repeti. (*UNIVERSAL*, 1825, 49. ed., p. 191);
19. **lembra-se** de formar Companhias estrangeiras para arrancar das entranhas de sua Mãi Patria as ricas preciosidades, que nellas se encerrão, e não se lembra de curar as chagas, que a fazem gemer? (*UNIVERSAL*, 1825, 50. ed., p. 199);

20. lembra-se de formar Companhias estrangeiras para arrancar das entranhas de sua Mãe Patria as ricas preciosidades, que nellas se encerrão, e não se **lembra** de curar as chagas, que a fazem gemer? (*UNIVERSAL*, 1825, 50. ed., p. 199);
21. Como não **se lembra** o Sr. Paraopebano que entregando o nosso ouro aos Estrangeiros, nos priva do unico metal, que temos para amoedar? (*UNIVERSAL*, 1825, 50. ed., p. 199);
22. E se alguém duvida desta verdade, **lembre-se**, de que o Governo, que tem a mania de querer ser Productor em vez de promover, prejudica muito a riqueza Nacional pelas razões sabiamente ponderadas nos Escriptos Economicos. (*UNIVERSAL*, 1825, 56. ed., p. 223-224);
23. [...] se o amor de vossas familias vos retarda o passo nesta expedição temporaria, **lembrai-vos** que tãobem huma morte obscura, vil a sem nome pode separar-vos para sempre e sem remedio de vossos Pais, e de vossas Mulheres, e de vossos filhos deixando vossos nomes em eterno esquecimento. (*UNIVERSAL*, 1825, 61. ed., p. 244);
24. Ilustre Caldeira, **lembra-te** da Provincia de Minas, tua Patria, ella tem sido a mais firme columna do Imperio [...]. (*UNIVERSAL*, 1825, 63. ed., p. 252);
25. He preciso, que o novo Ministerio lance suas vistas para o futuro, e que **se lembre** de que jamais viveremos tranquillos, em quanto nos não apoderarmos dos pontos de Comintes, e Santa Fé. (*UNIVERSAL*, 1825, 63. ed., p. 252);
26. [...] e oxalá que algum feliz engenho teça hum pomposo, e sublime elogio a esta digna Corporação, ou que algum misantropo **se lembre** de organizar huma funebre Oração [...]. (*UNIVERSAL*, 1825, 64. ed., p. 255);
27. Este trabalho-me devião poupar o Patriota Mineiro, V. m. e seus Correspondentes; tanto se afanárão na demonstração dos males da Leonina Companhia dos diamantes, e **se não lembrarão** da do Rio Doce! (*UNIVERSAL*, 1825, 67. ed., p. 266);
28. Eia pois Camaradas **lembrai-vos** que segundo a força do juramento prestado vos constituístes no character de jámais voltar costas a quaesquer que sejam os perigos [...] (*UNIVERSAL*, 1825, 67. ed., p. 268);
29. [...] confiai na palavra do Ex.^{mo} Sr. Presidente da Provincia, Orgao fiel de S. M. I., que vos assegura ser temporaria esta expedição, **lembrai-vos** sómente da obrigação que cada hum de nós tem de defender a Religião, a Patria, e o Imperante, e isto bastará para que de huma vez firmes a Paz Publica que he a mais preciosa e mais forte Columna do Estado. (*UNIVERSAL*, 1825, 67. ed., p. 267);
30. Tão prevalente era a opinião de que a sahida do ouro, e da prata era ruinosa, que ninguem se atrevia, ou ninguem **se lembrava** de mostrar, que as fazendas compradas na India com aquellas trinta mil libras erão de maior valor do que estas trinta mil libras em ouro, ou prata [...]. (*UNIVERSAL*, 1825, 70. ed., p. 279).

APÊNDICE B – *Corpus* de língua do século XXI

Esquecer(-se)

1. O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2021 começa a ser aplicado domingo (21) e é hora de checar se tudo está em ordem, para não **esquecer** nada no dia da prova. (*O TEMPO*, 16 nov. 2021);
2. E não podemos **nos esquecer** da direção (de veículos). (*O TEMPO*, 16 nov. 2021);
3. No outro dia, mensurou-se a quantidade de palavras esquecidas pelos integrantes de cada um dos grupos. O resultado: o que jogou videogame foi o que mais **esqueceu** os elementos, seguido daquele que assistiu ao filme. (*O TEMPO*, 13 nov. 2021);

4. “É imprescindível que a população que integre os grupos prioritários do Programa Nacional de Imunizações (PNI) não deixe de procurar uma unidade de saúde para a vacinação contra a Covid-19, sem **esquecer** do reforço da segunda dose, uma vez que é necessário apresentar o esquema completo, para a possível redução na transmissão da doença e evitar a forma grave da doença”, alerta a SES, que reforça ainda a necessidade da população seguir as recomendações sanitárias, como o uso de máscaras, a lavagem frequente das mãos e evitar aglomerações. (*O TEMPO*, 11 nov. 2021);
5. E não **esquecer** de visitar o salão de banho e tosa pelo menos uma vez por semana para manter a saúde da pele e a beleza do pelo. (*FOLHA DE S. PAULO*, 4 abr. 2022);
6. Nunca **esqueci** a frase “uma carne infinita é a visão dos loucos”. Mas Clarice morde e assopra, por isso encerra essa obra espetacular com este dizer eterno: “eu não entendo o que digo. E então adoro”. (*FOLHA DE S. PAULO*, 4 abr. 2022);
7. A seu ver, esse era o prazo para que Cícero **se esquecesse** de que estariam atrás dele e passaria e levar uma vida normal, deixando rastros. (*FOLHA DE S. PAULO*, 1 abr. 2022);
8. “Emerson Sheik nunca **esqueceu** as dificuldades enfrentadas no decorrer da vida e seu desejo de ajudar o próximo esteve sempre presente em seu caminho”, afirma o documento. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
9. Christian/Renato pede a Ravi que **esqueça** Lara. Thaianie consegue com Sueli informações sobre o restaurante de Noca e decide ir para o Rio. (*FOLHA DE S. PAULO*, 18 mar. 2022);
10. No Brasil colonial do século 21, a corte apressou-se em condenar Will Smith. **Esqueceram-se** de antes, e como sempre, ouvir mulheres negras. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
11. A pandemia fez com que **me esquecesse** do carinho gigante que nutro por sua figura. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
12. Nunca **me esqueço** de um rapaz que chegou sozinho à minha festa de aniversário – sem conhecer ninguém. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
13. Torço pra que **me esqueça** do seu rosto, e ele se esqueça do meu, e possamos voltar a desfrutar do prazer desse encontro inusitado, como se fosse a primeira vez. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
14. Torço pra que me esqueça do seu rosto, e ele **se esqueça** do meu, e possamos voltar a desfrutar do prazer desse encontro inusitado, como se fosse a primeira vez. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
15. Tudo ou nada, se não se pode falar de Hitler como sinônimo de Putin, devemos **esquecer** o passado para pensar melhor o presente? (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
16. Não creio ser lícito **esquecer** a campanha que fez contra as avançadas e consagradas urnas eletrônicas. (*O GLOBO*, 6 abr. 2022);
17. Os governantes deveriam avaliar as reivindicações de reposição salarial sem **esquecer** as limitações financeiras e as demais necessidades de gastos. (*O GLOBO*, 4 abr. 2022).

Lembrar(-se)

1. Lemes **lembrou** ainda que, diante da demora de até 90 dias para ter um carro novo, muitas vezes o consumidor tem preferido esses modelos. (*O TEMPO*, 16 nov. 2021);

2. No país, o especialista **lembrou** que o transporte público acontece principalmente por ônibus, já que são sistemas mais baratos para a implantação, diferentemente do metrô, que tem maior capacidade e é considerado mais rápido. (*O TEMPO*, 16 nov. 2021);
3. O doutor em engenharia de transportes também **lembrou** que adquirir um veículo não é um problema, já que as pessoas podem querer usar nos fins de semana, durante a noite, para viajar ou outras atividades de lazer. (*O TEMPO*, 16 nov. 2021);
4. A adolescente disse que a última vez que foi estuprada foi há cerca de 20 dias e que não se **lembrava** qual dos dois suspeitos tinham cometido o crime. (*O TEMPO*, 19 nov. 2021);
5. “Ele era uma pessoa muito incrível”, **lembra**, emocionado, o atual gerente da Orquestra Sinfônica do Estado. (*O TEMPO*, 17 nov. 2021);
6. “[...] Ele encaixava o piano na pessoa”, **lembra**. (*O TEMPO*, 17 nov. 2021);
7. “[...] Ela era linha de frente do coronavírus e ajudou muitas pessoas nos hospitais”, **lembra**. (*O TEMPO*, 12 nov. 2021);
8. O secretário de Meio Ambiente, Mário Werneck **lembra** que ter uma frota de veículos que usem energia limpa e renovável é essencial para BH cumprir os compromissos de redução de emissões de gases de efeito estufa. (*O TEMPO*, 11 nov. 2021);
9. “[...] Eu acompanho o trabalho dela desde 2015 logo quando ela lançou seu primeiro álbum, quando sua primeira música começou a fazer sucesso de verdade eu já ouvia, principalmente quando estava designado para jogos em Goiânia”, **lembrou**. (*O TEMPO*, 11 nov. 2021);
10. O governador **lembrou** que a situação epidemiológica no estado é melhor que no início do ano, com mais de 72% dos mineiros vacinados com as duas doses e todas as regiões na Onda Verde do programa Minas Consciente. (*O TEMPO*, 23 nov. 2021);
11. Além disso, o dirigente **lembrou** que a maioria do público estará também com a dose de reforço. (*O TEMPO*, 23 nov. 2021);
12. Nos últimos anos, sempre que surgia uma nova aberração no noticiário, como Bolsonaro dando cloroquina para uma embaixada ou a polícia encontrando 39 kg de cocaína no avião da comitiva presidencial, eu **me lembrava** do extinto jornal Notícias Populares, que trabalhei por um curto mas intenso período. (*FOLHA DE S. PAULO*, 4 abr. 2022);
13. “Capacete é restritivo demais. Não cai uma pedrinha, um pedrisco. Se cair, é uma tonelada de pedra, mas temos de **lembrar** que passaram-se dezenas de anos sem acontecer nada. Agora, do nada, vai começar a ter acidentes? Foi um acidente de natureza”, disse Fausto Costa, secretário-executivo da Alago (Associação dos Municípios do Lago de Furnas) e vice-presidente do comitê da bacia hidrográfica de Furnas. (*FOLHA DE S. PAULO*, 4 abr. 2022);
14. Mas devemos **lembrar** que todas as raças necessitam de cuidados especiais com uma rotina de três tratamentos principais que são: hidratação, nutrição e reconstrução da pelagem. (*FOLHA DE S. PAULO*, 4 abr. 2022);
15. “A pessoa acha que não vai dar em nada, que vai ter que se expor de novo. Também é difícil mensurar os efeitos da lei porque não temos dados integrados de notificações ou punições”, **lembra** Cunha, da Safernet. (*FOLHA DE S. PAULO*, 4 abr. 2022);
16. Ele **lembra** que a corrida, pelo aplicativo, sairia por R\$ 40 e, com o táxi, custou R\$ 25. (*FOLHA DE S. PAULO*, 3 abr. 2022);
17. O historiador **lembra** ainda que a rua é, tradicionalmente, vista pela sociedade como o “lugar de circulação de atividades produtivas. Quando se está fazendo uma atividade lúdica na rua, sempre vai ter esse ruído.” (*FOLHA DE S. PAULO*, 4 abr. 2022);

18. “Quando fui procurar estágio em escritórios de arquitetura, muitos não aceitavam mulheres e soube que isso acontecia porque mulheres menstruam”, **lembra** ela. (*FOLHA DE S. PAULO*, 4 abr. 2022);
19. “O consumidor não deve saltar direto para as vias judiciais, sem esgotar todas as vias administrativas. Gosto de **lembrar** isso porque tem muito juiz que, ao receber um processo, verifica se o reclamante tentou resolver de fato a questão através das vias administrativas e, se ele chegar à conclusão de que isso não aconteceu, ele pode até extinguir o processo sem analisá-lo”, afirma Escher. (*FOLHA DE S. PAULO*, 1 abr. 2022);
20. Gleisi Hoffmann disse que respeitava a opinião dele – mas **lembrou** que ela preside o PT – que é o partido justamente que pretende representar os trabalhadores. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
21. Frederico Castro disse não **se lembrar** de como nem quando ficou sabendo da concorrência do instituto de Sheik em que sua empresa apresentou orçamento ao lado da IRJ. (*FOLHA DE S. PAULO*, 6 abr. 2022);
22. “Nunca vimos uma segunda-feira assim, e tão abaixo. **Lembrei** com minha esposa da questão do prêmio, caiu a nossa ficha”, disse Vieira à reportagem. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
23. “O que mata a gente é o fanatismo e a cegueira. Deixou de entender o povão, já era”. **Lembra-se** disso, caro leitor? (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
24. Dez horas depois do jantar em que sua capacidade de diálogo foi exaltada, o ex-presidente Lula **lembrou** ter instituído o conselho econômico social para definição de políticas públicas em seu governo. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
25. A empresários do porte de Eugênio Mattar, Cândido Pinheiro e Abílio Diniz, a presidente do PT **lembrou** as palavras do ex-governador e potencial vice, Geraldo Alckmin, que disse que Lula representa a própria democracia. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
26. É preciso **lembrar**, no entanto, que o complexo chamado de Novo Museu do Ipiranga vai além desse prédio de 127 anos. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022); VTD
27. Instaladas ao longo da escadaria, as 17 ânforas de cristal, com bases de bronze, também foram recuperadas – os antigos admiradores do museu devem **lembrar** que elas armazenam as águas dos principais rios do Brasil. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
28. Como comparação, o professor **lembra** que shows ao livre precisam de autorizações prévias da prefeitura para acontecer. (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 abr. 2022);
29. A Comlurb agradece aos garis que, em sua maioria, estão nas ruas trabalhando e **lembra** da importância para a cidade do Rio do retorno ao serviço daqueles que aderiram à greve ilegal. (*O GLOBO*, 4 abr. 2022);
30. Quando nos vimos e ela encostou no meu braço no carro, me arrepiei toda – **lembra** Maria Rita, que gosta de contar em detalhes seu encontro para ajudar na desconstrução de sentimentos de culpa de outras mulheres. (*O GLOBO*, 3 abr. 2022);
31. Jovem de 15 anos ouviu de um colega de turma que deveria “voltar para a senzala” e rapaz **lembra** que, aos 7 anos, chorava para não ir à escola para não ser chamado de fedorento. (*O GLOBO*, 22 mar. 2022);
32. O que me marcou foi uma menina que disse que, além de preto eu era pobre, porque estava com uma mochila de rodinha um pouco enferrujada. Eu rezava para ser branco,

- ficava pensando que teria amigos e seria mais bonito – **lembra** Bruno, que só entendeu o que viveu quando passou a estudar o racismo estrutural. (*O GLOBO*, 22 mar. 2022);
33. **Lembremos**, também, a importância de novas tecnologias. (*O GLOBO*, 5 abr. 2022);
34. **Lembrou** que, em 2021, o país seguiu em crises: sanitária, pela escalada de mortes por Covid-19; econômica, com atividade fraca e inflação galopante; social, pelo desemprego, pela fome, pela desatenção aos povos tradicionais; ambiental, com aumento do desmatamento e falta de política de enfrentamento às mudanças climáticas. (*O GLOBO*, 1 abr. 2022);
35. É preciso ainda **lembrar** que, por não termos a separação dos resíduos em nossas residências, 70% dos detritos transportados em caminhões ficam inutilizáveis, ou seja, não podem ser reaproveitados em usinas de biogás ou compostagem – uma outra frente de transformação, neste caso, em insumo para a agroindústria. (*O GLOBO*, 1 abr. 2022).